PORTUGAL DEMOCRATICO

ANO VIII — N.o 73 — SÃO PAULO, JULHO DE 1963 — Redação: RUA CONSELHEIRO FURTADO, 191 S/2 — CAIXA POSTAL N.o 4.469

AMNISTIA!

Com a realização da Conferencia de Paris, em dezembro passado, ganhou novo e irresistivel impulso a campanha mundial contra a repressão salazarista e pela anistia aos presos politicos portugueses. Atendendo aos apelos do conclave e mercê do eficiente trabalho das comissões nacionais e dos nucleos de democratas portugueses emigrados, milhões de homens, em dezenas de países, vêm manifestando das formas mais diversas a sua solidariedade aos patriotas que nos presidios fascistas de Salazar pagam com a prisão e a tortura o seu amor à liberdade e à dignidade humanas. A gravura que inserimos ao lado constitui um exemplo, entre muitos, desse comovedor sentimento de fraternidade que leva homens de todas as raças, credos e ideologias a voltar-se para as vitimas do salazarismo. Um simples postal. Sim, mas um postal que tem um significado simbólico e uma finalidade a cumprir. Editado pela Federação Mundial da Juventude Democrática e com os carimbos dos correios de nações espalhadas pelos cinco continentes, ele chegará em milhares de exemplares e trazendo outras tantas mensagens de protesto até ao presidente fantoche de Portugal. A revolta expressa nas figuras é a revolta de todos os homens livres do mundo contra a bárbara repressão do fascismo português.

Ora, se há uma força externa que Salazar tema particularmente, ela é a pressão da opinião publica internacional. A reação desta aos seus crimes amedronta-o e desorienta-o. E a prova disso — a ultima — temô-la nas referencias ao Tarrafal introduzidas no artigo que publicou na revista britanica "International Affairs". Hipócritamente, declara ao mundo que o sinistro CAMPO DA MORTE LENTA foi definitivamente encerrado. Duvidamos que assim seja até porque nada se sabe acerca dos patriotas africanos ali desembarcados do "Africa Ocidental". Mas uma coisa é certa: Salazar só não enviou ainda para o Tarrafal nenhum preso politico português por se sentir desarmado em face da prontidão e intensidade da campanha mundial desencadeada como reação à reabertura do campo. O seu ensaio falhou. E de tal maneira que se sente obrigado a justificar-se numa revista estrangeira. A declaração — falsa ou verdadeira — de que o TARRAFAL FOI DEFINITIVAMENTE ENCERRADO deve ser interpretada como uma derrota do fascismo português e uma vitoria da consciencia democratica internacional.

Salazar confessa a sua estranheza pelos protestos recebidos de todo o Mundo. Mas é preciso, indispensável que eles, em numero crescente, continuem a chegar às suas mãos e às do seu "presidente" — Americo Tomaz.

NESTE NUMERO

- Entrevista de Alvaro Lins — PAG. 5
- Declarações do General Delgado — PAG. 8
- A ONU e o Tarrafal — PAG. 8
- Estudantes contra Salazar — PAG. 3
- Ecos de Addis-Abeba — PAG. 3
- A Africa inteira contra o colonialismo português — PAG. 8
- Apelo ao Ministro das Relações Exteriores — PAG. 5

INSSURREIÇÃO E DIÁLOGO

Quando se defende na Oposição a via insurrecional para o derrubamento do fascismo português quer-se significar que este derrubamento só poderá realizar-se mediante um grande movimento de massas capaz de destruir, num choque violento, a máquina de repressão e os fundamentos do poder fascista.

Esta tese parte do principio da impossibilidade do derrubamento do fascismo ser efetuado pela liberalização do próprio fascismo, por um processo pacifico de negociação com os democratas ou por um golpe de cúpula — militar ou constitucional — estranho à ação das massas populares.

A via insurrecional não implica, no entanto, conforme muitas vezes já foi dito, que devam pôr-se de parte as ações de caráter pacifico — politicas, sindicais, estudantis, associativas, culturais, etc. — que seja possível praticar. Ao contrário: estas ações, quer tenham uma natureza manifestamente legal quer tenham uma natureza semi-legal por ficarem sujeitas à repressão, embora de acôrdo com a própria **legalidade** fascista, são absolutamente necessárias para o desenvolvimento do processo insurrecional, já que será através delas que se poderá proceder à mobilização das massas, conduzindo-as a ações de caráter revolucionário.

Quando, há pouco, cinco conhecidos e prestigiados **leaders** oposicionistas se dirigiram a Salazar afirmando-se dispostos a contestarem públicamente as declarações feitas por este na revista britânica "International Affairs", se lhes fosse préviamente assegurada a publicidade integral dessa contestação na imprensa portuguesa, habitualmente amordaçada pela censura oficial, o documento em que expressaram esse propósito configurou desde logo uma ação legal desmascaradora das mistificações usadas pelo velho ditador. E quando os mesmos cinco democratas declararam, dias depois, perante a resposta sibilina de Salazar, serem insuficientes para a publicidade da sua resposta as garantias existentes, desistindo, por isso, do seu intento, praticaram outra ação legal que veio demonstrar mais uma vez a asfixia da liberdade de manifestação do pensamento imposta pelo **duce** português.

Claro que ninguem pensou, em Portugal, que a projetada resposta dos cinco democratas, que a ter-se podido efetuar se teria realizado nas condições excepcionais e precárias dos periodos eleitorais, viria comprovar a possibilidade do estabelecimento de um diálogo permanente da Oposição com a ditadura fascista nem, menos ainda, a possibilidade de transferência pacifica do poder para as forças democráticas.

Apenas alguns setores da opinião pública internacional, ainda insuficientemente esclarecidos sobre a realidade politica portuguesa, teriam sido capazes de interpretar erradamente o significado da resposta dos cinco.

Os democratas portugueses exilados se encarregaram, porém, pela sua ação, antes ainda da renúncia final dos cinco anti-salazaristas, de tornar duvidosa a boa fé com que esses setores da opinião pública mundial teriam podido acreditar numa milagrosa liberalização do fascismo salazarista.

Para infelicidade do povo português, a ditadura fascista continua a ser o que é. Para sua felicidade, apenas êle próprio a derrubará, pela insurreição nacional.

PORTUGAL DEMOCRATICO

HOMENAGEM A AQUILINO RIBEIRO

por MARIA MANUELA GOUVEIA

Dando prosseguimento ao seu ciclo de manifestações de carater cultural o Centro Republicano Português de São Paulo promoveu no passado dia 17 de junho uma sessão de homenagem à memória de Aquilino Ribeiro. Foi conferencista Maria Manuela Gouveia e o seu trabalho constitui uma admirável evocação do mestre desaparecido. PORTUGAL DEMOCRATICO, que no Brasil se colocou incondicionalmente ao lado do escritor quando este enfrentou a justiça fascista, associou-se às homenagens tributadas em São Paulo ao grande democrata desaparecido, reproduzindo abaixo algumas das passagens mais expressivas da Conferência da jovem intelectual.

O ESTILISTA E O POETA DA NATUREZA

(...) Desde cedo, o seu nome me soou familiar. Sempre me falaram dele com um marcado carinho, mescla de orgulho e gratidão e seu nada de uma pontinha de inveja, já que ele sabia pôr em palavras o que lhes ia na alma. Para além do circulo dos seus conterraneos que melhor do que ninguem o entendeu, já que fundamentalmente falavam a mesma linguagem, a lingua das árvores e da terra, despertava nos outros profunda admiração e, quase sem excepção, se reconhece nele o grande escritor das últimas décadas, o conservador do linguajar das Beiras, o pintor de certos crepusculos, de certas madrugadas que se não departem da nossa memória. Eis simplesmente Mestre Aquilino, no seu metro e oitenta, espadaudo, sereno, seu quê de nobre no porte, recordando os robles centenais dos seus montes, cabelo a evocar neve, encimando uma testa alta e rasgada em que cintilavam dois olhos argutos e prontos a desferir ora uma mirada risonha e afável ora um silencio glacial que sufocava os mais ousados. Em esquiços rápidos o retrato do criador do "Malhadinhas", da "Via Sinuosa", das "Terras do Demo", de "Andam Faunos pelos Bosques", da deliciosa obra de ternura que é a infancia do escritor no azougado "Cinco reis de gente", e de tantos outros em que surge vivida a nossa gente beiroa, os abades pachorrentos, de uma religiosidade mais animal, mais chegada à terra, os valentes nas feiras varrendo o campo a varapau, aqui e ali o passo aligeirado da moçoila a caminho da fonte ou daí aos braços do conversado. Através deles sentimos a miséria, o sarcasmo, a dor silenciosa do barro humano, a luta heroica dos humildes, dos ignorados nas faldas da serra e até dos frustrados das ruas de Lisboa. São escritos com a seiva da primavera e o cerne das matas, o rumorejar cantante das levadas, o passo do fauno mensageiro anunciando o canto eterno da Natureza. Neles quedou estático o fremito de certa raposa larota ,no salto sobre a presa, a asa da toutinegra esgarçando madrugadas, o olhar vivo dos coelhos montezes, o nunca outono de certas flores, o perpassar dos ventos nos pinhais a sonhar naus. O poeta, e assim lhe podemos chamar na medida em que soube condensar e dar forma a todas estas cores e sons e sopros e transmitir toda a desolação de um fim de dia no êrmo das serranias, a enegrecer as terras que se perdem nos olhos, todo o lirismo do regresso da primavera numa revoada de andorinhas sobre os tapetes policromos dos lameiros, nasce na Soutosa, região montanhesa da Beira Alta, e só conhecendo o seu habitat natural podemos entender certo ar, desabrido apenas na aparencia, certa dureza aquilina no vinculo das suas opiniões contrárias, no ódio à frase feita, à palavra aceite, sempre autentico na luta pelas ideias e principios que reputava justos, rebelde até ao fim, incapaz de ,por um instante, sequer se dobrar a qualquer condescendencia ou aceitação de cumplicidade. Há nele a eterna juventude dos puros que nada consegue corromper e que atravessa a vida em passos firmes e cabeça erguida até ganhar os umbrais da eternidade."

O HOMEM

"Veio ao mundo Aquilino em 1885, ainda no periodo da Monarquia. Assiste, portanto, às convulsões politicas das primeiras décadas de novecentos. Toma parte na agitação politica contra a ditadura de João Franco, emigra para Paris, regressando após a proclamação da República, mas volta logo a França onde vive seis anos. Forma-se em Letras pela Universidade de Paris e casa na Alemanha com uma jovem daquela nacionalidade. Vive aí algum tempo, regressa a Portugal com a primeira guerra mundial e passa a exercer o cargo de professor no Liceu Camões e, mais tarde, torna-se segundo bibliotecário da Biblioteca Nacional. Em 1927 e 28 vêmo-lo mais uma vez exilado em Paris, após ter-se evadido do presidio militar do Fontelo, em Viseu. Enviuva e casa novamente em Paris, em 29, com a filha

do antigo presidente da Republica, Bernardino Machado. Vive na Galiza até 1932, data em que regressa a Portugal, sendo anistiado e prosseguindo na sua já vasta obra literária. É socio efetivo da Academia das Ciencias de Lisboa, realiza em 1952, uma viagem triunfal ao Brasil e, em 1960, o seu nome é apresentado à Academia de Estocolmo como candidato ao Premio Nobel de Literatura. Estes, os momentos mais destacados da vida do Mestre, verdadeiro operário superior no labor das Letras."

"QUANDO OS LOBOS UIVAM"

(...) "E, finalmente, a obra de Aquilino que maior dano causou ao fascismo português, forçando-o a revelar ao mundo que em Portugal se pune a verdade com o peso da justiça salazarista: **Quando os Lobos Uivam** Lançado o livro, apesar do silencio que se fechou sobre êle, tentando sufocá-lo, este vendeu-se, esgotando rápidamente a primeira edição, tão rapidamente que ao pretender a PIDE executar a ordem de apreensão poucos exemplares restavam já. Quem o lia pasmava e passava palavra a amigos e conhecidos. Assisti pessoalmente ao esvaziamento das bancas da Bertrand e à recusa da segunda edição. A tensão avolumava-se, os cafés literários aguardavam a crise a qualquer momento.

O Brasil lançou o alarme, desmascarando o silencio da imprensa portuguesa sobre o caso, o governo lançou larga campanha contra Aquilino, a que este respondeu, mas como sempre, a censura abafou prudentemente o caso e o autor foi citado a julgamento. Já sobejamente conhecido como oposicionista liberal, todo este rumor transmutou-o |em heroi |nacional tendo a simpatia de todos, como vitima da prepotencia de Salazar. Não fôra já escritor de renome e a sua popularidade estaria, a partir daí, assegurada."

NO BANCO DOS REUS

(...) "Com este libelo, Aquilino foi acusado em 1959 pelo Governo de denegrir o prestigio do País no Exterior, de instigar atentados contra o Estado e de ultrages ao presidente do Conselho, aos ministros e à magistratura que se reconhecem nas figuras grotescas, amarfanhadas pela nobreza dos homens que sabem porque lutam e porque morrem.

Neste amontoado de acusações que têm como base a fala de personagens ficticias, o Governo Português condena não um homem mas a liberdade criadora, a arte, o direito de vida propria das figuras, forçando a literatura a estagnar no mesmo charco em que mergulhou o animo português, procurando saltar a barreira do ficticio para o real ou vice-versa.

Considera então o Estado a ficção literária um perigo letal para si? Terão os lobos trocado de posição? Indicam ao mundo que em Portugal os lobos sobem da cidade até à serra?

Afinal Aquilino parece ser apenas acusado de dizer a verdade, crime sem perdão para o Estado Novo. Não pensaram que essa sentenca é a prova irrefutável de que o Governo procura apenas manter a fachada, tal os sepulcros caiados de branco das Escrituras Sagradas. Na frente, vemos as estruturas imutáveis do Poder e da Força, tudo com maiusculas, tentando convencer-nos pelo tamanho do tipo; por trás, vacilam as colunas do Templo. Acaso comeca já o Estado a verificar que os pés da sua fortissima estátua de bronze, que há tanto esmaga o povo português, afinal tambem são de barro? Mais uma vez a Justica salazarista condena alguem que exprime a opinião de terceiros. Neste caso são os aldeões que se revoltam contra o governo. Por que não lhes atribui ele a culpa? Terá de haver sempre um animal de sacrificio nas aras do Estado ou terá ele receio da resposta unanime?

Para além deste aspecto, o caso tem outras facetas tragi-cómicas. É Aquilino quem acusa. O reu transforma-se em juiz, fugindo ao tradicional medo da verdade que há muito caracteriza certas camadas do nosso povo, ou não fosse ele subjugado a um poder que se firma na PIDE, no Cárcere, no Silencio.

A comodidadezinha burguesa do é capaz de não ser tanto assim é a razão de existencia de um Estado que apenas se ocupa do seu culto do Nada, da auto-existencia, contentando-se em dar àqueles que subjuga uma vida de abdicação total dos principios morais e humanos. É esta atitude, é o fechar voluntário dos olhos à realidade, a negação da evidencia que torna nulos os esforços dos que sem medo, conscientes da sua dignidade, enfrentam o torniquete sufocante do regime e quebram o silencio de cristal em que paternalmente Salazar envolve o seu povo."

O MESTRE NÃO MORREU

(...) "Se no inicio do processo se julgava apenas uma obra de ficção, a defesa de Aquilino veio demonstrar que essa ficção era apenas a realidade degradante transmutada em palavras. Na verdade, ele ergueu-se em defesa de um País que está descalço, roto, faminto, sedento de Justiça e tão desesperado de viver que suporta há 37 anos a sua imprensa visada pela Comissão de Censura, a garantir por escrito que os nossos governantes, apesar de tantos anos de disciplina e de ensino da sua verdade, matando a outra e ignorando a palavra do seu povo, não conseguiu pelos vistos, educá-lo, a fim de respirar com segurança.

Mas Aquilino, amando a sua terra e os seus homens, continua até ao fim da vida a defendê-los, saindo à liça abertamente. Nunca como nesta obra ele se declara tão oposicionista, não já na posição de defesa, mas na do ataque direto.

Retira-se agora. Só a nossa saudade nos levará ainda a encontrar à tarde, na Bertrand, o homem que para epitáfio desejava apenas três palavras: MAIS NÃO PUDE! Mas a sua voz ficará a ouvir-se através das suas criações, das suas cores, da sua obra. O seu exemplo perdurará, isolado, engrandecendo-o mais e mais, na medida em que a pusilanimidade de uns e o sonho de outros vá tomando corpo.

A revolta contra as injustiças sucessivas vai sazonando. Aproxima-se o dia da colheita. E então a seara de ódios que, sufocada em silencio e sangue vai crescendo, frutificará, abrindo as espigas douradas ao sol da Insurreição Vitoriosa. Nêsse dia, todos saberemos que o Mestre não morreu. Já de há muito ganhou a eternidade, e estará nas primeiras filas. Ele estará em cada homem que cair, em cada um que der um passo em frente. E até naquele que tiver ainda a grandeza de perdoar..."

*

OS PESAMES DO GEN. DELGADO

Logo que tomou conhecimento da morte de Aquilino Ribeiro, o general Humberto Delgado enviou o seguinte telegrama ao sr. Carvalhão Duarte, diretor da "Republica":

Prezado Correligionário:

"Muito grato lhe ficaria se em nome da Oposição e em meu nome pessoal se dignasse transmitir à família de Aquilino Ribeiro, tôda a profunda consternação em que fomos lançados com o falecimento do galhardo companheiro de luta, e tão alta figura das letras nacionais.

Vida buliçosa, está ainda bem presente na memória de todos nós a lembrança da sua atuação em 1958 na minha candidatura à Presidencia da República, e a vexatória perseguição a que foi sujeito há pouco, com a publicação da sua célebre obra "Quando os Lobos Uivam".

Mais um soldado valoroso que a morte leva das nossas fileiras; mas presente nelas fica seu espírito de batalhador."

PEQUENAS NOTICIAS

● O presidente Ben Bella ordenou o encerramento do consulado de Portugal em Argel como manifestação de solidariedade aos nacionalistas de Angola, Moçambique e Guiné em luta pela independência dos respectivos paises.

● Os governos dos dois Congos (Leopoldville e Brazaville) rejeitaram as propostas portuguesas para conversações de "boa vizinhança", declarando que não estão dispostos a discutir com o governo colonialista de Salazar.

● Em Washington, o secretário de Estado Dean Rusk e o embaixador inglês Ormsby Gore, mantiveram prolongada conferência sobre" a situação dos territórios portugueses de Africa" a fim de coordenarem o tipo de apoio que ambos os governos concedem a Salazar.

● Richard Nixon, ex-vice-presidente dos Estados Unidos, passou umas curtas férias em Lisboa. Durante a sua estada, deu uma demonstração de demagogia, exibindo-se numa marchinha de Santo Antonio de arco e balão nas mãos...

● A industria de laminagem de ferro que está sendo montada em Luanda ficará sob controle de técnicos italianos. Os capitais também são italianos...

● De 1948 até final de 1961 emigraram de Portugal 576.054 pessoas. Para as colonias seguiram apenas 137.610, destinando-se as demais a diversos paises estrangeiros, cabendo o maior numero ao Brasil e à França.

● Apesar de a capitação de carne de Angola ser das mais baixas do mundo, o governo português principiou a importar dali aquele produto Dois navios embarcaram recentemente em Luanda as primeiras partidas de carne congelada da colonia.

● A invasão de capitais alemães prossegue . A Huebruder Schanzlin vai montar em Lousã uma fábrica de tratores e outras alfaias agricolas.

● Por despacho do governador geral, foram expulsos de Angola, acusados de negociarem com os terroristas (entenda-se nacionalistas), os comerciantes Manuel Martins e Anibal Baptista Pinheiro

● A circulação fiduciária de Moçambique aumentou de 500 milhões para 670 milhões de escudos.

● Um violento incêndio destruiu parcialmente as instalações petrolíferas de Cabo Ledo, em Angola As autoridades coloniais atribuem o sinistro aos nacionalistas.

● Em telegrama enviado em 18 de maio ao presidente da República Francesa, o general Humberto Delgado manifestou a sua estranheza por não ver deferido um pedido de visto depois de mês e meio de espera.

● A União Nacional dos Estudantes da França divulgou um comunicado, exigindo a libertação imediata do dirigente estudantil português José Bernardino, espancado pela PIDE em pleno tribunal e condenado a uma pena equivalente a prisão perpétua.

● A organização corporativo-fascista da agricultura portuguesa foi tornada extensiva à colónia de Angola com a recente criação ali de Grémios da Lavoura.

● Uma partida de dezenas de milhares de latas de conserva de peixe portuguesas foi regeitada pela Republica Federal Alemã por "adulteração do produto". Estão implicados no caso altos dirigentes da organização corporativa.

● A Força Aérea Portuguesa em Angola está empregando um numero cada vez maior de aviões de transporte "Nord-Atlas", de fabrico francês. O fato tem suscitado veementes acusações contra o govêrno da França em várias Repúblicas africanas.

● No passado dia 1 de junho, um aviao a jato F-86 da Força Aérea Portuguesa despenhou-se nas imediações de Bissau, capital da Guiné dita Portuguesa. Suspeita-se que houve sabotagem.

● Visitou Portugal uma missão de cientistas da O.T.A.N. encarregada, segundo as notícias vindas a público, de proceder a um levantamento dos laboratórios e instituições científicas em condições de receber subsídios daquela organização.

● O semanário italiano "Italia-chronache" insere num dos seus últimos números uma extensa e bem documentada reportagem sôbre o movimento estudantil português, enaltecendo o espírito de luta dos universitários anti-fascistas.

● Na ocasião dos funerais do Papa João XXIII, foi posta em circulação em Lisboa uma edição oficial da enciclica "Pacem in Terris", grosseiramente expurgada dos passos considerados "subversivos" pela censura salazarista.

● Em Roma realizou-se no dia 1 de junho uma marcha da Paz em que se destacavam faixas e cartazes com disticos contrários aos governos de Portugal e Espanha

● O govêrno português anuncia para breve a concessão a grupos económicos estrangeiros da exploração das minas de fosfatos de Mongotando, Ueca, Chivoco, Cambota e Cacata, no distrito de Cabinda, (Angola).

● A Fôrça Aérea Portuguesa bombardeou, em Angola, duas aldeias na região de Mbenza, próximo do Zaire.

● O café deixará, dentro em breve, de ser o principal produto de exportação de Angola. Mercê da invasão dos grupos mineiros estrangeiros que se realiza com o beneplácito do govêrno, a indústria extrativa fornece já cêrca de metade do valor das exportações.

Radio Portugal Livre

Completou recentemente um ano a "Radio Portugal Livre". Iniciativa ao serviço da libertação do povo português, o seu êxito não surpreendeu, pois era tido antecipadamente como certo.

Contam-se hoje por centenas de milhares os portugueses que acompanham os seus programas. "Radio Portugal Livre" não se tem, aliás, limitado a denunciar os crimes do fascismo salazarista e a informar o povo português de tudo aquilo que a Censura lhe esconde. Como voz que é do Portugal que luta pela democracia, RPL tem desempenhado um papel particularmente importante através dos seus constantes incitamentos à luta. Os operários, os camponeses, os intelectuais progressistas e os estudantes são os seus melhores divulgadores. Recordamos aos nossos leitores da Europa que o horário das emissões é, presentemente, o seguinte:

Das 19 às 19,30 (hora de Lisboa) e das 21 15 às 21,45 — 32 metros; das 23,30 às 23,50 — 36,40 e 43 metros.

Acaba de sair

"BRASIL FRONTEIRA DE ÁFRICA"

de Maria Archer

Pedidos ao nosso jornal

Notas e comentarios

A Lição de Addis-Abeba

O sr. Franco Nogueira é um dos poucos homens inteligentes da **ménagerie** de Salazar. Muitos democratas portugueses estranharam por isso as declarações atabalhoadas e confusas que o ministro dos Negócios Estrangeiros fez à imprensa a proposito da Conferencia de Addis-Abeba. Ora, na realidade, o sr. Nogueira agiu desse modo precisamente por ser inteligente. Colocado em face dos resultados do conclave pan-africano, e verificando que eles não deixavam margem para novas mistificações e muito menos para a retomada das teses clássicas do fascismo português, o chanceler de Salazar fez a unica coisa ao seu alcance: embrulhou-se em explicações confusas, tão confusas que ninguem as entendeu.

A sua posição era deveras dificil. A unanimidade de Addis-Abeba veio deitar por terra a teoria abstruza da conjura internacional contra Portugal. Não houve uma voz discordante. Os chefes de 30 Estados independentes da Africa concordaram em que a situação colonial a que continuam submetidas determinadas parcelas do Continente não pode manter-se. E para lhe pôr termo decidiram unir os seus esforços, a fim de em ação conjunta acelerarem o processo da independencia desses territórios. Como era de esperar, Angola, Moçambique e a Guiné foram insistentemente citadas por todos os oradores.

O mito da conjura volatizou-se Homens de tendencias conservadoras e pró-ocidentais como os presidentes Bourguiba, Houphouet Boigny e Leopold Senghor foram categoricos nas suas manifestações, exigindo a independencia plena e imediata para as colonias portuguesas. O mesmo fez o imperador da Etiopia, que ao visitar recentemente Lisboa foi exaltado pela propria imprensa fascista como um grande amigo de Portugal e do seu povo. Até o padre Fulbert Youlou — campeão em Africa do anti-comunismo — afinou pelo mesmo diapasão, solidarizando-se com a proposta de Sekou Touré que fixava uma data limite para a independencia de todos os países africanos.

Essa impressionante unanimidade tem um significado. Ela surge como a expressão da vontade e das aspirações de 240 milhões de africanos livres. Oprimido, o povo de Portugal não pode sentir desejos de oprimir outros povos. Mas o fato é que, por força da engrenagem fascista, figura perante o mundo como instrumento de uma intolerável opressão exercida sobre 11 milhões de africanos.

Na hora em que a Africa se une contra o colonialismo de Salazar e em que Ben Bella levanta o problema do fascismo que o explica — é mais do que nunca necessário que todos os portugueses se unam, por sua vez, na luta contra a mentira e a mistificação, na certeza de que quanto maior fôr o numero de pessoas dispostas a lutar contra a guerra colonial mais proxima estará a libertação do povo de Portugal.

M. U. R.

Anti-colonialismo e Anti-fascismo

Pela forma mais incisiva e clara de que até agora tivemos conhecimento, o presidente Ben Bella estabeleceu, em varios discursos e entrevistas recentes, a inter-penetração dos objectivos imediatos da luta anti-colonialista e da luta anti-fascista no caso da potência colonial contra a qual se luta ser ao mesmo tempo, como sucede com o Portugal de Salazar, um regime fascista.

O encerramento do Consulado português em Argel concedeu às palavras de Ben Bella um carácter prático, perfeitamente de acôrdo com a sua desconfiança do que habitualmente chama de **moções e palavras piedosas.**

Mesmo neste caso, não se trata, porém, da identificação da luta anti-colonialista com a luta anti-fascista, mas sòmente — o que, no entanto, é muito — de uma **contiguidade** prática e imediata dessas duas lutas, que faz com que qualquer golpe assestado no adversário comum se repercuta simultâneamente nas duas frentes de batalha.

Há, por isso, uma prevenção muito importante a fazer no que se refere aos móbeis políticos das acções simultâneamente anti-colonialistas e anti-fascistas, como as do presidente argelino.

Quando se trata de acções praticadas pelas fôrças directamente submetidas ao colonial-fascismo, não pode haver dúvida quanto ao verdadeiro móbil dessas acções. Assim, é evidente que ninguém poderá supôr que a acção operacional de uma guerrilha nacionalista na Guiné ou em Angola tem como móbil principal o enfraquecimento do domínio do salazarismo em Portugal e não, como sucede, o enfraquecimento do dominio colonial na Guiné ou em Angola; assim como ninguém poderá duvidar de que uma greve política dos trabalhadores portugueses tem como móbil principal o enfraquecimento do fascismo em Portugal e não o do domínio português nas colónias.

Mas quando se trata de acções praticadas por terceiros, isto é: por fôrças ou entidades empenhadas no simultâneo debilitamento do domínio interno (fascista) e externo (colonial) do salazarismo, há que ter sempre presente qual o móbil principal de tais acções. E não será dificil de concluir, na generalidade dos casos (e na totalidade dêles, quando se tratar de governos ou entidades africanos) que êsse móbil principal é o anti-colonialista e não o especificamente anti-fascista.

(Acresce, por outro lado, que muitas vêzes existem outros móbeis ocultos por trás dos móbeis aparentes, como quando determinadas posições de política externa são ditadas, no fundo, por via de razões de política interna nacional).

Não se pense que estas considerações são um mero exercício de casuistica, pois isso não sucede.

Sendo indirecta e mediata a consideração dos objectivos políticos internos da Oposição por parte daqueles cujas atitudes resultam ainda assim em benefício dêsses mesmos objectivos, tem de ser muito maior do que em outras circunstâncias o nosso esfôrço de solidarização com os objectivos políticos das fôrças nacionalistas, que em primeiro lugar são contemplados pelos nossos amigos comuns.

Isto exige acções concretas e propósitos unívocos, que se esforcem por poder dar em troca o equivalente do que se recebe. No caso concreto, exige, por parte dos oposicionistas portugueses, o abandono definitivo da idéia errada de que pode haver ainda hoje considerações de política interna, quaisquer que êles sejam, que devam prevalecer (e não apenas igualar-se) sôbre as da política externa oposicionista, a qual merece um nome, antes de qualquer outro: anti-colonialismo activo.

M. S.

Clichê da capa do livro "O Novo Eixo", do escritor Victor da Cunha Rêgo, edição da Felman Rêgo

Veemente Libelo Contra o Fascismo

O Comitê Executivo da União Internacional dos Estudantes reunido em Argel de 13 a 20 de maio passado, aprovou importante resolução sobre Portugal. Apresentada pela União das Associações de Estudantes da Republica Popular da Roménia (UAER) e apoiada pela União Geral dos Estudantes da Africa Negra sob dominio colonial português (UGEAN) e pela União Nacional dos Estudantes do Brasil (UNEB) a resolução aprovada é do seguinte teor:

"Constatando com satisfação:

— o desenvolvimento de um poderoso movimento popular anti-fascista em Portugal, que se exprimiu no decorrer do ano passado, com toda a sua força, em numerosas demonstrações pela democracia e pela paz em Lisboa, Porto, Almada, Aljustrel, e em dezenas de outras localidades, reunindo mais de 500.000 patriotas: nas lutas e nas greves dos 200.000 trabalhadores agrícolas pela jornada das oito horas de trabalho e pelo aumento de salarios; na resistencia de dezenas de milhares de soldados, camponeses e intelectuais contra as guerras colonialistas conduzidas pelo imperialismo e salazarismo em Angola e Guiné; na greve de quase três meses dos estudantes de Lisboa, Porto e Coimbra, pela defesa dos seus direitos; e já no decurso deste ano, no 1.o de Maio, por novas e grandes manifestações pela liberdade e a democracia;

— que, paralelamente a estas lutas e aos progressos na organização das forças anti-fascistas portuguesas, se verifica um reforçamento da sua unidade coroada pela realização, em fins de dezembro de 1962, de uma importante conferencia de partidos e grupos politicos da oposição, que abriu o caminho a um largo progresso de organização e de ação para a Frente Patriotica de Libertação Nacional.

— que a grande greve dos estudantes de Lisboa, Coimbra e Porto de março a maio de 1962, pela defesa da sua liberdade de união e de associação e pela autonomia da Universidade portuguesa face ao governo fascista, foi parcialmente vitoriosa, tendo assim os estudantes, uma vez mais, obrigado o governo de Salazar a admitir a legalidade das suas associações apesar da promulgação do novo decreto n.o 44.632 anti-associativo.

— o crescimento e os sucessos de um largo movimento de solidariedade atuante da opinião pública democratica internacional, que por vastas campanhas e conferências como a pela Anistia aos Presos e Exilados Politicos Portugueses, realizada em Paris em dezembro de 1962, ataca a violência fascista e o apoio que lhe é prestado pelo imperialismo internacional.

CONSIDERANDO:

— que o fascismo salazarista, o mais antigo do mundo, oprime Portugal desde há 37 anos;

— que em Portugal as liberdades e os direitos do homem, os mais elementares, são completamente negados pelas leis e pelos atos anti-democráticos do Estado salazarista;

— que os partidos políticos e os sindicatos livres continuam a ser interditos; que nenhuma reunião política democrática é autorizada; que a censura política da imprensa, da radio e de todas as formas de expressão, existe desde há 37 anos; que a greve é sempre punivel de prisão perpétua (medidas de segurança).

— que desde 1926 dezenas de milhares de patriotas foram presos, torturados ou mesmo mortos; que dezenas de milhares de outros perderam o seu emprego ou o seu curso ou tiveram de fugir do seu país; que há 10, 15, 20 anos e mesmo mais, democratas estão encerrados nas prisões e fortalezas salazaristas; que o regime do Estado Novo acaba de reabrir o Campo de Concentração do Tarrafal (Arquipélago de Cabo Verde) onde ele assassinou já numerosos anti-fascistas portugueses e nacionalistas pertencendo aos movimentos e partidos de libertação nacional das colónias.

— que este regime de terror, de miséria, de exploração e de ruína de todo um povo não serve senão os interesses dos grandes monopólios e o imperialismo internacional, e mantem-se apenas graças ao seu apoio militar, econômico, político e diplomático, às suas bases militares (compreendendo rampas de lançamento para foguetes e os depósitos de armas atômicas); os seus créditos, as suas armas, a sua proteção direta ou indireta em todos os domínios.

— que o regime salazarista ataca abertamente a paz mundial, impondo aos povos de Angola, da Guiné e das outras colonias uma guerra mortífera e bárbara para tentar manter por mais tempo possível um dominio imperialista, contra o qual se levantam as aspirações legítimas de paz e de independência nacional de todos os povos, incluindo o povo português.

O COMITÊ EXECUTIVO DA UNIÃO DECIDE:

— reafirmar a sua completa solidariedade ao povo e aos estudantes portugueses na sua luta contra a ditadura fascista, pela democracia, a paz e a independência nacional.

— de relembrar à oposição portuguesa que conduz uma luta anti-fascista contra a ditadura fascista e colonialista de Salazar que esta mesma luta deve ser necessariamente uma luta contra o colonialismo e o néo-colonialismo.

— reafirmar a sua completa condenação e denúncia do regime fascista e colonialista de Salazar e de seus monstruosos crimes perpetrados tanto em Portugal como nas guerras de extermínio em Angola e na Guiné.

— reafirmar a sua completa condenação e denúncia do apoio prestado aos salazaristas pelos círculos dirigentes do imperialismo e certos governos estrangeiros como os dos Estados Unidos, Inglaterra, de Espanha de Franco, da Alemanha Federal, da França de De Gaulle.

— apelar para todas as organizações mundiais de estudantes no sentido de se organizarem largas campanhas de solidariedade atuantes para com a luta anti-fascista do povo e dos estudantes portugueses e para a abolição da ajuda estrangeira ao regime de Salazar.

ENCARREGA O SECRETARIADO:

— de intensificar a campanha contra a repressão dos democratas e estudantes portugueses perseguidos pela sua luta anti-fascista e anti-colonialista.

— de prestar uma assistência tecnica material às organizações dos estudantes portugueses na sua luta contra a ditadura fascista e colonialista e nas suas atividades internacionais.

— de intensificar as campanhas contra toda a ajuda às autoridades salazaristas e pelo isolamento e boicote definitivo das organizações universitárias salazaristas.

— de divulgar largamente o resultado da missão de inquerito enviada em maio a Portugal, quando do julgamento e da condenação injusta do dirigente estudantil Jose Bernardino.

— de dar todo apoio moral e material possivel à proxima Conferencia de Solidariedade das Organizações Estudantis da Europa com a luta dos povos e dos estudantes de Espanha e de Portugal.

MAIS 80 VITIMAS DO TERROR

Os incriminados, civis e militares, no ataque ao Quartel de Beja, ocorrido há 17 meses, foram agora confiados pelo tribunal militar ao tribunal especial "Plenário" para o julgamento do delito político que praticaram. Vem a propósito lembrar a relaxação dos heréticos pelos antigos tribunais da Inquizição, que tantos milhares de vítimas fizeram na Península Ibérica, ao então chamado braço civil, para simples execução das penas capitais. Tambem, no caso presente, a sorte dos democratas portugueses já está há muito marcada...

Ecos de Addis-Abeba

O colonialismo português acaba de ser condenado da maneira mais veemente na Conferencia de Chefes de Estado Africanos. Para que os nossos leitores possam fazer uma ideia precisa da importancia e do significado dos pronunciamentos do conclave contra o colonialismo fascista de Salazar e do espirito que a esse respeito hoje domina toda a Africa, irmanando-a na solidariedade aos povos que ainda não conquistaram a sua independencia, reproduzimos abaixo um feixe de opiniões expressas na Capital etiope por alguns dos estadistas que participaram da Conferencia.

SEKOU TOURÉ (Guiné) — "E' indispensável que esta conferencia fixe e de maneira imperativa a data limite para o dominio estrangeiro em Africa, data além da qual as nossas forças armadas deverão intervir diretamente no quadro da legitima defesa do continente africano contra os seus agressores".

BEN BELLA (Argelia) — "10.000 voluntários argelinos aguardam a possibilidade de lutar pela libertação de Angola, Moçambique e União Sul-Africana".

LEOPOLD SENGHOR (Senegal) — "Tudo o que se passou nos ultimos anos, minou a reputação de Portugal, não apenas em Africa, mas também no plano mundial."

HAILÉ SELASSIÉ (Etiópia) — "Enquanto os nossos irmãos africanos não forem livres, a nossa liberdade não terá valor algum. Os nossos irmãos de Moçambique, de Angola e da União Sul-Africana imploram desesperadamente a nossa ajuda; devemos apresentar uma frente comum com eles e fazer da sua luta a nossa própria luta...

MILTON OBOTE (Uganda) — "Proponho a Uganda como terreno de manobras para as forças terrestres necessárias aos exercitos de libertação de que necessitamos na luta contra o colonialismo. Creio poder dizer que a Uuganda está particularmente bem situada para poder servir aos três focos de perturbação, a saber: Angola, Moçambique e a Africa do Sul, assim como a Rodesia se tal for necessário."

JULIUS NYERERE (Tanganika) — "O meu país está disposto a morrer um pouco para a retirada final da humilhação do colonialismo da face da Africa".

GENERAL ABBOUD (Sudão) — "O Sudão oferece as suas bases para o treino de combatentes clandestinos".

PADRE FULBERT YOULOU (Congo, Brazaville) — "Estou de acordo em que uma data limite seja fixada para a libertação total da Africa.

KWAME NKRUMAH (Ghana) — "É um continente inteiro que nos impõe um mandato imperativo. lançar as bases da nossa união nesta Conferencia".

ODINGA (Kenia, em representação dos movimentos nacionalistas) — "Os Estados independentes devem dirigir um ultimato às potencias colonialistas a fim de que sejam libertados os territorios por elas controlados no prazo mais curto. Se assim não acontecer, os países independentes interviriam "diretamente".

Salazar: um homem medieval

MIGUEL URBANO RODRIGUES

Houve tempo em que Salazar era encarado como interlocutor por um ponderável sector da oposição portuguesa. A idéia de que a transição do regime fascista para instituições políticas democráticas se podia operar pela via legal encontrou larga aceitação no após guerra e, pelas ilusões que criava, acabou por ser habilidosamente encorajada pela própria máquina de propaganda do aparelho estatal Foi a época da expectativa de um impossível diálogo, que nunca chegou a iniciar-se .As farsas eleitorais promovidas por Salazar deixaram um rasto de amargura, revolta e repressão...

Hoje, o velho autocrata não tem já condições para iludir ninguém. Mas não desiste. A sua vocação de mistificador acompanhá-lo-á até ao fim. E é ela que o **duce** português exibe uma vez mais nas páginas que escreveu para a revista inglesa "International Affairs". O efeito está, porém, longe de corresponder às esperanças que o autor parece ter depositado nesse trabalho. O que se patenteia da primeira à última linha é a irremediável decadência do homem e do político. A inferioridade da lengalenga com que brindou os leitores daquela publicação é de tal ordem que compreendemos perfeitamente as dúvidas suscitadas dor certos observadores britânicos. Que pretendeu, afinal, Salazar? Logo de início, êle próprio esclarece que lhe haviam pedido para responder "às críticas feitas contra Portugal (entenda-se à ditadura vigente) nos últimos anos. Contudo, em vez de tentar responder ao irrespondível, o que faz é cair numa enfadonha repetição de lugares comuns sôbre a organização e a concepção políticas do regime. Sente-se acuado, mas nem sequer esboça uma defesa inteligente. Apenas por que não foi êsse o objetivo que o levou a aceitar o convite? Não cremos. Aquilo que os seus turiferários baptizaram como "o pensamento político de Salazar" inexiste, ou, mais exatamente não passa de amontoado confuso de idéias descosidas e de atitudes retóricas, tudo filho do empirismo de um político intelectualmente medíocre e sem base ideológica de qualquer espécie. Difícil pois, para não dizermos impossível, seria a Salazar transformar em sínteses claras o mundo nebuloso que leva dentro. Escreveu, entretanto, o suficiente para inculcar nos leitores que desconheçam a realidade portuguesa uma impressão penosa acêrca do regime imperante em Portugal. Tão penosa que não vemos a necessidade de uma resposta ao seu artigo. Não lhe falta nenhum ingrediente para que os eventuais leitores façam o pior dos juizos sôbre o escrevinhador. Só pelo lado do humor...

Os sofrimentos do povo português não são de molde a despertar sorrisos. Mas uma coisa é a face real, odiosa, do fascismo salazarista e outra, bem diferente e grotesca, a formulação das pseudoteses do ditador decrepito. O Salazar que se encontra no vertice da pirâmide da opressão fascista — emulo de Batista, de Stroessner, de Trujillo e outros caudilhos crueis — não pode nem deve ser minimizado como adversário. Mas o candidato a ideólogo e a pensador político, o homem desatualizado de Santa Comba Dão, dotado de uma formação escolástica, provinciano pelos hábitos e pela mentalidade, pode porventura ser levado a sério quando, seráfico e solene, principia a expor uma tosca concepção do mundo, atrasada quatro séculos, e debita êsses disparates com a convicção de que as palavras lhe saiem impregnadas de uma sabedoria cósmica?

Só a sua incultura e falta de lucidez, só o desconhecimento completo que tem da psique do inglês médio nos explica a sua iniciativa de escrever para britânicos um artigo que terá inspirado, quando muito, um sentimento de estranheza e piedade nos elementos mais benevolos do público a que se dirige.

Fazer a crítica circunstanciada e atenta de um trabalho semelhante, equivaleria a dar-lhe uma importancia que não tem. Entendemos, além do mais que qualquer tipo de diálogo com Salazar é contrário aos interêsses do povo português. O processo do regime está feito e, principalmente depois do episódio do "Santa Maria", a opinião pública mundial suficientemente elucidada sôbre o que é e o que vale o fascismo salazarista. Cabe à oposição democrática portuguesa, sempre que necessário, trazer ao conhecimento do Mundo notícia das modificações operadas na conjuntura nacional. Mas nunca aceitando Salazar como interlocutor. A única resposta que merece é a que o povo, patriòticamente, se prepara para lhe oferecer, derrubando-o do poder.

SALAZARADAS...

Para darmos aos leitores uma idéia das "verdades" expostas por Salazar e das elocubrações que agitam o seu cerebro anquilosado, eis alguns "ecos" do artigo em referência:

— Mostra-se preocupado com a estranhesa causada no estrangeiro pela "escassez de crises Políticas" em Portugal.

— Lamenta que o parlamentarismo em Portugal não tenha encontrado as suas tradições nas Côrtes da Monarquia Absoluta.

— Afirma que no mundo moderno os povos enfrentam problemas de natureza econômica e social bem mais importantes do que os de natureza política, demonstrando ignorar que os problemas sociais e econômicos se inserem sempre num problema político que os transcende e condiciona.

— Pergunta a si mesmo se as limitações impostas em Portugal às liberdades públicas não serão excessivas? E acrescenta que tem a consciência tranquila porque nada há a dizer contra **legitimidade** do seu Direito, da sua Lei.

— Indigna-se contra as críticas de que é alvo a PIDE. E esclarece que a crueldade não é tolerada pela Lei nem pela brandura dos costumes. Tôdas as acusações "às divisões especiais das fôrças policiais" são inventadas pelos comunistas ou seja, pelos "criminosos políticos e sociais". E não percebe como ainda continua a receber protestos do estrangeiro contra reabertura do Tarrafal...

— Salienta que condições naturais adversas impedem a industrialização. Mas a miséria da agricultura, decorrente de condições igualmente adversas, torna imperativa a industrialização. Não sái do circulo vicioso. Conclusão: ter paciência e esperar um milagre.

— Pede mais paciência e mais esperança no milagre no tocante às soluções exigidas pelo forte saldo demográfico do País.

— Debita sôbre as relações entre o capital e o trabalho chavões fascisto-corporativistas velhos de quarenta anos. Tudo se passaria harmoniosamente em Portugal no que concerne às relações entre patrões e operarios. Êstes deveriam contentar-se com um único direito: aceitar sem discussão as imposições do Estado.

— Garante que os frutos dos "sacrifícios pedidos às gerações de 20 e 30 anos atrás começam agora a ser gozados pelas gerações atuais". A guerra de Angola, com certeza...

— Repete os lugares comuns da praxe ao falar da política colonial portuguesa. Quanto ao exercício do direito de autodeterminação em África, entende que contraria os interesses dos povos. Não acrescenta que, no afã de "proteger" as populações, ordenou o assassinio de mais de 100.000 angolanos e se tornou responsável pelo exílio de mais 250.000

— Esclarece que não se pode governar sem quadros altamente qualificados. E explica que sendo numericamente pobres as elites africanas, a independência dos jovens Estados nacionais é um absurdo gritante e perigoso. Não refere que em Angola 99,7% dos africanos são analfabetos, após cinco séculos de "civilização".

— Pretende, numa habilidade salóia, lançar as pontes para uma intriga doméstica em África, acusando os árabes, brancos de segunda classe, de quererem substituir os europeus no domínio do Continente.

— Faz veladas alusões ao papel negativo do imperialismo e do neocolonialismo como que a queixar-se dos seus aliados. Não os quer como herdeiros.

— Conclui que em Angola quantos não estão com a sua política retardam a evolução daquela "província".

— Assevera que o nível de vida dos portugueses aumentou, mas não cita algarismos...

— Lamenta muito não ter feito tudo o que desejava.

Eis uma amostra, uma pequenina amostra do falatório do velho ditador. Dois meses passaram sôbre a publicação do artigo. Os seus objetivos não foram atingidos. No plano internacional o documento só não passou totalmente despercebido porque aqui e ali suscitou comentários jocosos. A peroração acaciana e primária não convenceu nem interessou. Não chegou sequer a haver defesa do fascismo salazarista, porque o defensor confessou nas entrelinhas. Quanto ao setor nacional, o malogro foi ainda maior. Alguns jornais transcreveram a coisa. Mas o povo permaneceu indiferente As tarefas da hora presente são demasiado importantes e prementes para que os estudantes e os trabalhadores de Portugal percam tempo discutindo "o pensamento de Salazar". As ilusões do diálogo (que seria sempre um monologo) foram há muito sepultadas. As massas sabem o que lhes compete fazer, qual é o caminho a seguir: o da insurreição libertadora. Preparando-se para o levantamento nacional, reforçando a sua unidade, aperfeiçoando as suas organizações de luta, os antifascistas portugueses dão a Salazar a mais eficiente das respostas.

SALAZAR NA IMPRENSA MUNDIAL

PORTUGUESES EM FRANÇA...

"Cerca de 400 portugueses que atravessam clandestinamente a fronteira são interceptados anualmente em França, a maior parte no País Basco, e expulsos. Até agora, Portugal recusou-se a assinar um acordo sobre o recrutamento anonimo. De momento o recrutamento, em Portugal, faz-se "nominalmente". Esse sistema — que continua a ser "nominal" mas que consente que o recrutamento se faça "anonimamente" — permitiu que a emigração portuguesa para a França aumentasse. De 460 em 1954 passou para 6.716 em 1961 e 12.916 em 1962... Com efeito, dos 12.916 operários braçais, da construção civil, cantoneiros, trabalhadores em pedreiras ou agricolas... apenas 6.900 vieram pela Junta, entrando em França munidos de contratos de trabalho em regra. Os outros atravessaram primeiro a fronteira e só depois regularizaram a sua situação de trabalhadores"...

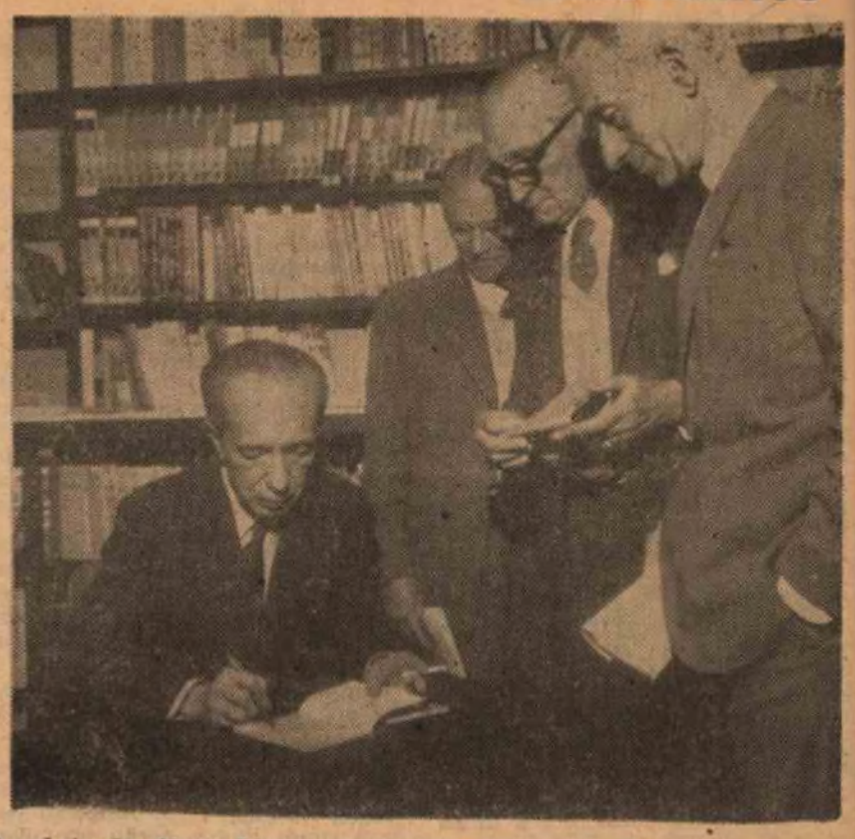
DE "LE MONDE", PARIS

BEN BELLA EM ACÇAO

"Ben Bella, fiel a si mesmo, quis fazer de Argel um centro revolucionário e convidou os movimentos de libertação de vários países a abrirem aí "bureaux" de representação. Dedica uma atenção particularissima aos nacionalistas angolanos, fornecendo-lhes ajuda moral e material, armas e oficiais para instruir guerrilheiros. Mas foi ainda mais longe: decidiu deslocar-se pessoalmente à Conferência Pan-Africana de Addis-Abeba com um único objetivo: o de colocar em termos concretos o problema da libertação da colonia portuguesa e o do boicote ao regime de Salazar.

Recentemente, Ben Bella converteu à sua posição o presidente da RAU, Nasser, durante a visita oficial que êste fêz a Argel. Em seguida, chamou um dos lideres do nacionalismo angolano, Mario de Andrade, para o pôr ao corrente e estabelecer com êle um plano definitivo. Segundo todos os observadores, o interêsse direto de Ben Bella pelo problema acelerará o processo de libertação de Angola"

Do Boletim da Agenzia Giornalistica Italia, 14-5-63.



O embaixador Alvaro Lins no momento em que autografava um exemplar de "Guerra em Angola" ao sr. capitão João Sarmento Pimentel.

O lançamento de «Guerra em Angola»

O lançamento do livro de Mário Moutinho de Pádua — "Guerra em Angola. Diário de um Medico em Campanha" — constituiu um acontecimento que polarizou a atenção dos meios literários, politicos e artisticos de São Paulo. Por se tratar do primeiro grande depoimento humano escrito sobre a mais cruel das guerras coloniais em que está envolvido o fascismo português, a Editora Brasiliense, em colaboração com a Unidade Democrática Portuguesa e o nosso jornal quis assinalar de modo especial o lançamento da obra. Nesse sentido, e porque o autor se encontra no Congo, foi convidado para presidir à tarde de autografos o embaixador Alvaro Lins — nome que simboliza como nenhum outro a posição de repulsa do povo brasileiro ao fascismo de Salazar e a sua solidariedade para com as nações coloniais que lutam pela sua autodeterminação.

Já nos referimos em nosso ultimo numero à importancia e significado do Diário de Moutinho de Padua. Não constituiu, portanto, surpresa o exito inicial alcançado pelo livro na sua apresentação ao publico. É sintomático, aliás que a Editora tenha escolhido para a obra a sua nova coleção "Documentos de Hoje" que inclui os nomes de Fidel Castro e de Miguel Arraes, governador de Pernambuco.

O "cocktail" atraiu ao vasto salão da "Brasiliense" mais de uma centena de personalidades. Eis alguns nomes: juiz Dacio de Arruda Campos; prof. Toledo Machado, diretor da União Brasileira dos Escritores; escritora Helena Silveira, assessora para assuntos culturais da Presidência da República; escritores Livio Xavier, Antonio d'Elia, Rolando Roque da Silva, Antonio Faria, Roberto Paula Leite; jornalistas Claudio Abramo, Braulio Pedroso, Luis Salinas Fortes, Cleusa Vieira, Cunha Motta, Marco Antonio; prof. Gaeta, da Universidade de São Paulo e do Centro Democrático Espanhol; Lorenzo Serrano, representante do governo da Republica Espanhola no Exilio Compareceram tambem numerosos representantes de entidades sindicais e estudantis, da Associação Cultural do Negro e de outras agremiações culturais ligadas aos problemas africanos. O Movimento Popular de Libertação de Angola fez-se representar por dois elementos do seu "bureau" brasileiro, os srs. Paulo Matoso Neto e Costa Andrade.

Quanto à comparencia dos democratas portugueses, foi, como era de esperar, maciça. Estavam presentes, entre outros, a escritora Maria Archer e os srs. comandante João Sarmento Pimentel, capitão Francisco Pimentel, eng. Rica Gonçalves, pintor Candido da Costa Pinto, João Manuel Tito de Morais, Alexandre Pereira, Manuel Moura, Alexandre Leal, Joaquim Quitério, Fernando Ramos, Maria Manuela Gouveia, Manuel Sertório, Augusto Aragão, Miguel Urbano Rodrigues.

Em nome da Editora Brasiliense, recebeu os convidados o seu diretor dr. Caio Graco.

Ao povo de Portugal

Durante o lancamento do livro "Guerra em Angola", de Moutinho de Pádua, realizado no dia 28 de Maio, na Livraria Brasiliense, alguns dos presentes, recordando a data tomaram a iniciativa de endereçar uma mensagem ao POVO DE PORTUGAL que foi depois assinada pelos intelectuais brasileiros presentes. O documento é do seguinte teor:

"Ao completarem-se 37 anos sôbre o golpe militar que veio a gerar em Portugal a ditadura que infelicita na Europa e na África mais de 20 milhões de pessoas, os abaixo assinados, reunidos em São Paulo no ato de lancamento do livro de um patriota português, dirigem-se ao povo irmão oprimido e humilhado por Salazar para, como brasileiros e democratas,

— Manifestarem irrestrito apoio à luta travada pelos operários, camponeses, intelectuais e estudantes de Portugal pela derrubada do fascismo;

— Exprimirem a sua admiração por todos os homens que como Moutinho de Pádua, autor de "Guerra em Angola", vêm lutando contra a campanha de genocidio desencadeada em Angola e na Guiné pelo govêrno de Salazar.

São Paulo, 28 de maio de 1963.

a) Alvaro Lins, escritor, diplomata e membro da Academia Brasileira de Letras; Paulo Dantas, escritor; Jamil Almansur Haddad, escritor; Reinaldo Castro, escritor; Aldemir Martins, pintor; Alvaro de Faria, escritor e médico; Rolando Roque da Silva, poeta; Roberto de Paula Leite, escritor; Antonio d'Elia, escritor; Livio Xavier, jornalista e escritor; Caio Graco Prado, editor; Edgar Braga, escritor; Hilde Weber, pintora; Claudio Abramo, jornalista; Braulio Pedroso, jornalista; Toledo Machado, escritor; Luis Roberto Salinas, jornalista; etc.

Acção revolucionária e terrorismo

MANUEL SERTÓRIO

Nas manifestações anti-fascistas ocorridas em Lisboa no 1.º de Maio foi arremessado um "cocktail Molotov" contra as fôrças da repressão.

No dia 28, aluiu uma parte importante da estação do Cais do Sodré, o que provocou a morte de algumas dezenas de pessoas.

Em 6 de junho, explodiu uma bomba na mala em que se encontrava, antes desta ser colocada num avião dos TAP que ia partir de Londres para Lisboa. Outra explosão se verificou no dia seguinte, em idênticas circunstâncias, no aeroporto de Genéve, antes que dali partisse para Espanha um avião da "Ibéria".

Trata-se de factos muito diferentes, que devem merecer alguns minutos de meditação a todos os democratas portugueses.

Com o arremesso do "cocktail" pretendeu-se responder com a violência à violência da repressão. Enquanto a acção repressiva se fazia sentir indistintamente sôbre tôda a multidão, o "cocktail" teve como objectivo discriminado as fôrças repressivas e foi, ao mesmo tempo, uma acção defensiva das massas populares manifestantes e uma acção ofensiva contra o aparelho de repressão fascista. O "cocktail", lançado numa grande manifestação popular como foi a do 1.º de Maio, não poderia provocar uma retracção das massas mas sim ao contrário, o fortalecimento da sua disposição revolucionária.

O que sucedeu no Cais do Sodré afastou, segundo o inquérito imediatamente aberto pelas próprias autoridades salazaristas, a hipótese de sabotagem. Interessa ter presente, no entanto, que a coincidência da data do desastre com a celebração oficial de mais um aniversário do **28 de Maio** pré-dispõe desde logo muitas pessoas, dentro e fora de Portugal, a acreditar na hipótese da sabotagem, não obstante o facto de terem morrido muitas pessoas, escolhidas apenas pelo acaso de se encontrarem naquele momento sob a parte aluida.

Quanto à explosão verificada no aeroporto de Londres, não podem restar dúvidas sôbre os seus propósitos, apesar de também várias dezenas de pessoas virem provàvelmente a falecer, se ela ocorresse algum tempo mais tarde, pessoas, das quais a maior parte estrangeiras, reunidas também apenas pelo acaso de se terem disposto a fazer viagem para Portugal no mesmo avião.

A eventual (e neste caso inexistente) sabotagem de um edifício público como o do Cais do Sodré e a colocação de uma bomba num avião em que nem sequer se encontrava nenhuma alta personalidade fascista, configuram o tipo de acção terrorista, destituida de qualquer sentido revolucionário, pois que só pode conduzir ao reforçamento da repressão, à neutralização política e emocional das massas e ao consequente isolamento dos pequenos grupos ocupados em tais acções. É um tipo de acção que não visa o aparelho de repressão nem nenhum dos fundamentos do poder fascista, que não se integra em nenhum movimento de massas nem sequer conta com elas. É a acção vazia de objectivos políticos superiores, pois apenas parte do princípio, erradíssimo, do seu carácter intimidativo junto das fôrças da repressão. É numa palavra, um tipo de acção mais cega ainda, e amoral, do que a da repressão baseada no mesmo princípio falso em que esta se baseia, pois tal como a repressão não consegue frear a luta pela libertação nacional tambem o terrorismo jamais conseguirá frear a acção repressiva do fascismo.

Quando se pretende distinguir a acção revolucionária do terrorismo, que nada tem de revolucionário, êstes exemplos concretos e recentes deveriam chegar para ajudar todos os democratas a esclarecerem as suas idéias.

Mas há um aspecto da vida política oposicionista no momento actual que prejudica êste esclarecimento e se traduz conforme a ilustração de um dos factos atrás referidos, na predisposição de alguns sectores da opinião pública democrática de aceitarem como resultado da acção de fôrças oposicionistas um acidente trágico como o do Cais do Sodré. A causa desta predisposição é bem clara: é, por um lado, a geral concepção de que o processo de derrubamento do salazarismo terá de ser revolucionário e comportará, portanto, acções de tipo violento — o que é exacto — e, por outro lado, a confusão criada nas massas pela distinção simplesmente abstrata entre acção revolucionária e terrorismo.

Assistimos por isso, a esta situação estranha: ausência de consignas revolucionárias concretas e aceitação por parte de largas camadas da população de todo e qualquer tipo de acções violentas revolucionárias ou mesmo terrorista.

Ora não se diga que não é possível distinguir concretamente a acção revolucionária da acção terrorista. Claro que não podera organizar-se uma lista taxativa de ações revolucionárias a praticar como se se tratasse de um rol de mercadorias sujeitas a impôsto alfandegário; nem uma lista também taxativa de acções terroristas que não devem ser praticadas, como se fôsse uma lista de alimentos proibidos ao doente pelo médico. Algumas vêzes, a mesma acção será revolucionária ou terrorista consoante as condições concretas em que seja praticada.

Mas o que é possivel e necessário é que, em função de objetivos concretos levando diretamente ao debilitamento do aparelho de repressão e dos fundamentos do poder fascistas, sejam propostas ações revolucionárias igualmente concretas a realizar pelas massas e pela sua organização unitária de vanguarda.

Ninguem se organiza para a **insurreição nacional**, mas sim para **ações concretas de conteúdo insurrecional.**

Neste momento em que todos os dirigentes oposicionistas responsáveis verificam ser a insurreição o caminho para o derrubamento do fascismo português, são ações desse tipo que devem ser claramente propostas às massas. Só essas ações permitirão a organização e funcionamento dos organismos criados para as levarem à pratica, não como grupos fechados de conspiradores mas como vanguarda das massas, as quais tornarão possível em última análise, a sua realização. E, ao mesmo tempo, são as ações revolucionárias praticadas que tornarão mais difícil a prática de ações terroristas.

A sabotagem de material de guerra e o ataque, defensivo e ofensivo, às forças de repressão no decurso de manifestações de massas, são por exemplo, ações indiscutivelmente revolucionárias e insurrecionais.

O caminho da insurreição são as ações insurrecionais.

Por mais supérflua e redundante que esta afirmação possa parecer, torna-se cada vez mais necessário tê-la sempre bem presente.

Saudação a Ben Bella

Ao tomar conhecimento das declarações do presidente Ben Bella, antes da sua partida para Addis-Abeba, um grupo de democratas portugueses de Recife encabeçado pelo prof. Ruy Luís Gomes enviou ao eng. Tito de Morais, em Argel, o seguinte telegrama:

"Profundamente emocionados categóricas afirmações presidente Ben Bella libertação povo angolano e repulsa fascismo salazarista, pedimos-lhe transmita nossas calorosas saudações certeza êxito conferência povos africanos"

Ruy Luís Gomes, José Morgado, Antonio Brotas, Manoel Luís Fernandes, Angelo Ferreira da Silva, Irene Fernandes.

Alvaro Lins fala sobre o caso dos asilados

Sob o titulo "Alvaro Lins denuncia as relações do governo do Brasil com o de Portugal, o jornal "O Estado de São Paulo" publicou no dia 23 de junho uma extensa entrevista que lhe foi concedida pelo ex-embaixador do Brasil em Lisboa durante a recente estada em São Paulo do eminente escritor e diplomata. São desse importante documento as passagens que abaixo reproduzimos.

O PAPEL DO SR. NEGRÃO DE LIMA

O embaixador Alvaro Lins demonstrou, inicialmente, a partir de um fato novo, como o sr. Negrão de Lima serve a ditadura portuguesa e não o seu País:

— "Fixemos o episodio do momento. Há cerca de dois anos, asilaram-se na Embaixada do Brasil 20 pessoas caçadas pela policia de Salazar. Alguns "acreditaram" na "palavra" do governo português, através do atual embaixador do Brasil; sairam da Embaixada e foram presos pela PIDE. Que dirão a isto os que me atacaram por não acreditar na "palavra" do governo português num caso de asilo?

Dessas vinte pessoas dos ultimos asilos, ainda se encontram asiladas 13, cuja situação não pode ter perspectiva de solução enquanto o embaixador fôr o atual. Quebrando servilmente, no interesse da ditadura de Portugal, a tradição da politica externa brasileira, o sr. Negrão de Lima alugou uma casa e meteu nela, como se fôsse uma dependencia da PIDE, os 13 asilados: 10 homens e 3 mulheres — pormenor que menciono para indicar um aspecto do amoralismo e da insensibilidade do embaixador. Os asilados, para ele, não são hospedes da Embaixada, mas prisioneiros, que apenas poupam trabalho e despesa à policia de Portugal. O governo brasileiro paga, há dois anos, essa nova forma de prisão a serviço do salazarismo.

É simples demonstrar que esse problema não encontrará solução enquanto mantivermos em Lisboa tal embaixador. O sr. Negrão de Lima era ministro das Relações Exteriores quando houve em Lisboa sendo eu o chefe de nossa missão diplomatica o primeiro caso de asilo, desde 1910. Quando resolvi conceder o asilo, o Itamarati aplaudiu entusiasticamente minha atitude, chegando a quebrar a frieza da linguagem oficial para me anunciar, em documento que está nos seus arquivos, que meu ato havia sido "integralmente" aprovado. Isto prova que o ministro não passaria, logo depois, a combater o asilo por principio, mas por interesse. O documento a que aludo me foi dirigido em janeiro de 1959. A partir de meados de fevereiro, sob a pressão da colonia portuguesa, o sr. Negrão de Lima começou a passar-me telegramas, dizendo, como ministro, haver mudado de idéia: deveria eu, segundo as novas e surpreendentes instruções, "dar credito" à palavra do governo de Salazar, mandando para casa o general Delgado. O Brasil — sustentava ele infantilmente — não podia exigir de Portugal o cumprimento do asilo, porque o governo português não tinha assinado os tratados em que se reconheceu esse direito. Fingia desconhecer um principio de direito internacional, segundo o qual nenhum país, tendo invocado um tratado qualquer em seu beneficio, pode alegar não o ter assinado para deixar de cumpri-lo em beneficio de outro.

Em 1938, o embaixador Martinho Nobre de Melo oficiou ao governo brasileiro comunicando haver concedido asilo a integralistas que participaram da intentona de maio e buscaram abrigo na Embaixada de Portugal; a partir daí o governo português não mais poderia alegar o que alegou o sr. Negrão de Lima, que se preparava para tentar eleger-se governador da Guanabara com o dinheiro da colonia portuguesa".

— "Nossa politica externa "independente", pela mão do sr Negrão de Lima curvava-se à ditadura portuguesa, sob a pressão de diversas forças, entre as quais: o dinheiro da colonia portuguesa, com os recursos do Banco Ultramarino que é o grande agente da corrupção em Portugal e o interesse manifestado pelo embaixador dos Estados Unidos, do qual tive prova em Lisboa. Em Lisboa, fui procurado pelo embaixador norte-americano que se ofereceu para servir de mediador, no "caso" Delgado, recusando eu os seus serviços com a observação de que aquele problema só encontraria solução entre duas entidades: o meu governo e o governo de Portugal".

POSIÇAO DE GOULART

Continuamos a reproduzir, livre mas consentidamente, o que ouvimos do embaixador Alvaro Lins, durante a longa conversa com ele mantida:

— "Quando pedi demissão ao sr. Juscelino Kubitschek, recebi dele a informação de que meu substituto seria o sr. Negrão de Lima, que se prestava a descer da Chancelaria para continuar a servir melhor a Salazar, como embaixador do Brasil em Lisboa. Adverti o presidente da Republica de que o sr. Negrão não poderia ir para Lisboa sem comprometer a soberania da politica externa do Brasil. Fôsse embaixador em qualquer outro lugar Buenos Aires ou Paris, nunca em Lisboa. O sr. Kubitschek nomeou-o. E o governo português confirmou eloquentemente ter tido conhecimento dos documentos reservados que me eram enviados, quando o recebeu de braços abertos, ruidosamente. Isto não aconteceria, evidentemente, se Salazar estivesse persuadido de ter sido a minha posição, no caso do asilo, até o fim, uma posição da Chancelaria do Brasil.

É claro, para qualquer de nós, que esse embaixador não tem autoridade moral para tratar, sequer, em quaisquer termos, do caso dos 13 asilados com o governo português, ainda que lhe desse, por hipotese, um surto impossivel de dignidade humana, politica ou funcional. Os 10 homens e as 3 mulheres se encontram lá há dois anos e ele não faz o menor esforço para dar ao problema uma solução qualquer. Não é um embaixador. É um simples agente da quadrilha que volta a tentar o poder em nosso País, abastecendo-se no Banco Ultramarino".

Volto ao ponto de partida. O presidente João Goulart não podia de ignorar os fatos que menciono, depois da conversa que tivemos, a convite seu. Dois ou três meses após assumir o governo, o sr. João Goulart me chamou ao Palacio das Laranjeiras, e, lembrando a campanha de 1955, me ofereceu uma missão diplomatica: percorrer oito ou dez países da Africa. A ética impede-me de revelar tudo dessa conversa. Mas posso adiantar que lhe expus a situação portuguesa nos mesmos têrmos que uso nesta entrevista e que êle concordou comigo: — "Tu foste coerente; incoerentes foram os que não te apoiaram".

Declarei-lhe, então, que prestaria qualquer serviço de ordem publica ao meu govêrno, desde que não fossem remunerados, nem em dolares, nem em cruzeiros, pois em quanto Salazar estivesse no poder, eu não poderia aceitar qualquer cargo, posição ou missão que me trouxesse qualquer tipo de vantagem, para que não fôsse, embora injustamente, acusado de estar industrializando uma posição moral que assumi com o apoio da opinião publica do meu País. Portanto: uma posição moral e ideologica, que não me pertence, só a mim, mas também à opinião publica brasileira".

O RESPONSAVEL

— Dei ao sr. João Goulart, até aqui — concluiu o embaixador Alvaro Lins — um tratamento menos severo que o dispensado ao sr. Kubitschek. É que ainda espero dêle uma posição mais consequente em relação a Portugal. O sr. João Goulart, em conversa comigo, fez ao govêrno português referências que não coincidem com a politica praticada por seu govêrno. Sinto-me por enquanto impedido de revelar o nosso diálogo nas Laranjeiras. Mas poderei fazê-lo a qualquer momento oportuno, uma vez que as nossas audiências não foram solicitadas.

Venha êle, entretanto, a mudar, ou não, a linha de servilismo, a que está sujeita nossa política externa, no que toca a Portugal, temos de encará-lo como o maior responsável pelo que se passa, pois voltamos faz mais de um ano, ao sistema presidencial. Fico aguardando, por parte do sr. João Goulart, as consequências da nossa conversa e a continuidade na prática das disposições que levaram s. exa. a convidar-me, tão interessadamente, a ir à sua presença."

Apelo ao Ministro das Relações Exteriores

A Comissão Executiva da Unidade Democrática Portuguêsa, enviou ao Ministro da Relações Exteriores do Brasil, Dr. Evandro Lins e Silva, o seguinte telegrama:

"Foi com profunda satisfação que os democratas portugueses tomaram conhecimento da decisão do presidente João Goulart de confiar a Vossa Excelência as altas responsabilidades inerentes à chefia do Itamarati.

Ao apresentarmos a Vossa Excelência as nossas homenagens, cumprimos um dever informando que em Portugal se aguarda com ansiedade uma solução para o caso dos 13 asilados politicos que se acolheram à protecção da Embaixada brasileira, alguns há mais de dois anos.

Na certeza de que V. Excelência será sensível a essa aspiração apresentamos com os nossos cumprimentos os protestos da mais elevada consideração.

A Comissão Executiva da Unidade Democrática Portuguesa".

PORTUGAL DEMOCRATICO

PORTUGAL DEMOCRATICO foi incluido na Galeria dos Jornais Brasileiros recentemente inaugurada em Brasília. Ao comunicar-nos o fato, em telegrama, o gabinete do Ministro do Trabalho, ressalta a situação de destaque (sic) que o nosso jornal goza hoje na imprensa do Brasil.

INTERVEM O DEPUTADO MARCO ANTONIO

Comentando as declarações do embaixador Alvaro Lins sôbre o caso dos asilados, o deputado Marco Antônio Coelho, discursando em Brasília, na Câmara, requereu ao Itamarati pormenorizados esclarecimentos sôbre as negociações mantidas a respeito do assunto com o govêrno de Salazar, criticando com veemência a conduta do sr. Negrão de Lima.

CHEGA UMA ASILADA

Acompanhada de uma filhinha de três anos, encontra-se já no Brasil a sra. D. Primavera Acrata das Neves, que estava asilada na Embaixada do Brasil em Lisboa e dali saiu com a garantia das autoridades portuguesas de que poderia seguir para onde desejasse. Entretanto só decorrido quase um ano conseguiu obter passaporte. "Custa-me a crer — declarou ao jornal "Última Hora" à sua chegada ao Rio de Janeiro — que tenha conseguido sair daquele regime de terror e opressão".

Pela amnistia e contra a repressão

O Tarrafal visto por um antigo prisioneiro

A reabertura do Tarrafal continua a suscitar veementes protestos em todo o mundo. Para que as autoridades fascistas de Lisboa, acuadas pela opinião publica mundial, voltem atrás e o Campo da Morte Lenta seja novamente encerrado, necessário se torna, entretanto, intensificar a atual campanha, de modo a esclarecer um numero cada vez maior de pessoas sobre o que significa realmente para o povo português o sinistro campo de horrores. Quanto mais numerosos forem os democratas de todas as nacionalidades informados sobre os crimes cometidos no Tarrafal maior será o volume dos protestos e cartas enviados ao governo português e às suas embaixadas e consulados. O documento que abaixo publicamos foi elaborado precisamente com o objetivo de esclarecer a opinião mundial e, traduzido em vários idiomas, está alcançando a mais ampla divulgação em dezenas de países da Europa e da América. É um relato vivido das condições de existencia no Tarrafal. Foi escrito por dois prisioneiros. Um deles, Pedro Soares, passou quatro anos no campo. Após o seu regresso a Portugal, foi prêso várias vezes por haver continuado, com inalterável coragem e firmeza, a lutar contra o fascismo. Hoje é mais um patriota, entre tantos, que combate na clandestinidade. O outro autor passou onze anos no Tarrafal. Presentemente encontra-se em liberdade e, por motivos óbvios, não podemos revelar o seu nome.

Pedro Soares foi condenado a 22 meses de prisão por um tribunal militar especial em 1935. Tinha então 20 anos e era estudante. Devia terminar a pena a 14 de outubro de 1936, mas na manhã desse dia foi transferido com vários outros prêsos para o Forte de Caxias e, dois dias mais tarde, embarcado no "Luanda", rumo ao Tarrafal. Era a primeira leva destinada ao futuro campo de horrores. Dela faziam parte 36 marinheiros que se haviam sublevado a 8 de setembro de 36, solidarizando-se com os seus companheiros espanhois que defendiam a Republica contra o fascismo franquista.

Muitos dos prisioneiros do "Luanda" nunca tinham sido julgados ou condenados por qualquer crime. Outros já haviam cumprido as penas. Eram cerca de duzentos no primeiro grupo e representavam muitas profissões e oficios: trabalhadores, empregados de escritório, marinheiros, estudantes, intelectuais, médicos e dirigentes politicos.

OS HORRORES DO DIA A DIA

Mas demos a palavra a Pedro Soares e ao seu companheiro de presidio. Eis o seu relato:

"O Campo do Tarrafal resume-se a um retangulo de arame farpado, com 750 metros de perímetro, no meio de uma planície que se estende das montanhas até ao mar, e fica plenamente isolado do mundo exterior. Durante os primeiros dois anos, dormiamos doze homens numa tenda, apenas com um candeeiro de petróleo. Durante nove meses do ano as tendas enchiam-se de pó trazido pelo vento. O calor e a chuva tropical depressa começaram a apodrecer a lona, e, durante a estação das chuvas, lutavamos contra a exaustão e a fadiga numa tentativa vã de proteger as nossas camas. Mas pela manhã tinhamos sempre a sensação de estar num navio de escravos que acabava de escapar a um furacão.

"Não havia água no campo". Nos primeiros dias, ela vinha em tambores, de caminhão. Mas a gasolina tinha de ser paga, enquanto o trabalho dos presos era grátis. Assim tinhamos de transportar cada gota de água numa distancia de 700 metros, em velhos bidons de gasolina. Essa água não era pura. Alguns presos demonstraram muita pericia num invento de filtros fabricados com pedras pomes. Levávamos pedaços de metal do campo e procuravamos na estrada todos os pedaços que encontravamos para arranjar ferramentas para o trabalho. Estes filtros eram na realidade obras de arte de pericia e destreza. Quando os jarros começavam a pingar, recusavam-nos outros e tinhamos de tapá-los com pedaços de sabonete até o comandante do campo ser forçado a fazer alguma coisa.

"Durante o comando do capitão Manuel dos Reis, recusaram-nos lenha para ferver a água não potável (razões de economia) e fomos obrigados a arrancar lascas das cabanas ou a roubá-las da pilha reservada para a cozinha.

"As condições sanitárias no campo eram tão más que 200 caboverdeanos que vieram construir cabanas para substituir as tendas adoeceram.

Só a nossa grande batalha para arranjar água pura nos salvou da morte certa.

O capitão dos Reis, primeiro comandante de campo, tirava o máximo partido da sua posição e tornava-nos a vida quase impossivel. Tudo o que estava ligado ao campo e especialmente à construção das barracas, era olhado como meio de tirar proveito à nossa custa.

Não tinhamos redes de mosquitos e, assim, quase contraímos a malária. Os prêsos eram sujeitos a constantes ameaças e castigos, sovas brutais, períodos a pão e água, confisco de correspondência e, talvez o pior de tudo, ao corte de remédios, alimentos e dinheiro enviados pelas nossas famílias e amigos, a pretexto de que estavam a ser enviados pela Cruz Vermelha Internacional.

TRABALHO FORÇADO

O trabalho que eramos obrigados a executar não era apenas pesado. Destinava-se a um fim especifico que os guardas não procuravam esconder: destruir a nossa saúde e quebrar o nosso moral.

"Lembro-me muito bem dos metodos utilizados contra Alberto de Araújo, antigo professor do Liceu Passos Manuel de Lisboa e um dos nossos melhores pedagôgos. Passou dois anos no sanatório da Guarda por sofrer de tuberculose renal. Apesar da sua saúde débil, recebeu uma enxada no dia seguinte à sua chegada ao campo e mandaram-no trabalhar. Depois mandaram-no carregar pedra, certificando-se o guarda de que ele levava as mais pesadas. Nunca se queixou ou mostrou qualquer sinal de desespero, mas foi-lhe impossivel aguentar o trabalho por muito tempo e dentro em pouco ficou tão doente que teve de ser transferido para o hospital. Apesar do seu estado, ficou no campo seis anos e durante todo êste tempo deu um exemplo magnifico de coragem e boa camaradagem. Morreu em Almada em 1947, com a vida indubitávelmente destruida pelos efeitos dos sofrimentos inumanos que lhe infligiram.

"Alcunhámos o capitão dos Reis de "Arame Farpado", porque ameaçava constantemente transformar o campo numa "prisão ao ar livre", só com o arame farpado a "proteger-nos". "Vocês vão morrer como môscas", era outra das suas ameaças. E começou a ser confirmada a 20 de agosto de 1937.

CAIAMOS COMO MOSCAS

Apenas 6 dos presos não foram atacados pela malária, nem uma única injeção de quinino nos foi aplicada, nem um comprimido nos deram. Um preso, Joaquim Faustino de Campos, chamou a atenção do comandante de campo para as consequencias que podiam advir de uma tão grave situação. A resposta foi o "segredo". Ninguem ou nada induzia o médico ou o comandante a dar remédios. Todo o campo rescendia ao cheiro enjoativo das camas em que os homens, febris, jaziam 15 dias ou mais com tremendos ataques de malária.

O único alimento que recebiamos era uma mistura grosseira de arroz e feijão que ninguém podia comer. Pão, uma das poucas coisas boas que tinhamos, jazia em monte nas mesas que tinhamos posto fora das tendas para conquistarmos um pouco mais de espaço. Só os corvos o comiam.

"Esta primeira tentativa para nos aniquilar, em breve fez as suas primeiras vitimas. Seis dos nossos companheiros morreram em 25 e 26 de agosto de 1937.

"Numa tentativa para nos dar a ilusão de calma aos que estavam em perigo imediato, duas enfermeiras davam injeções de água destilada, como se fosse quinino. A salvação de muitos homens foi um milagre, devido em grande medida à devoção dos poucos que escaparam à epidemia. O único tratamento que êstes bons camaradas podiam arranjar era ministrado com compressas frias e banhos quentes dos pés.

"As mortes não impressionavam o médico do campo ou o governo português. O dr. Pais Pratas, sem duvida, exprimia a atitude oficial quando dizia: "Esperava assinar vários atestados de óbito, mas só assinei seis.

"Pensavamos qual seria o próximo a ir. Morriam com a esperança de que o nosso povo, tivesse, dentro em breve, uma vida melhor e desejando que as familias soubessem que morreriam como homens honestos e não tinham traido os princípios e os companheiros.

SOBRE O INDICE DA MORTE

"Este tratamento desumano não parou aqui. Através dos anos, o campo continuou aberto, muitos prisioneiros continuaram a morrer como resultado da politica brutal dos sucessivos administradores. O Superintendente dos guardas, Henrique de Sá e Seixas muitas vezes dizia: "As pessoas que vêm para aqui, vêm para morrer".

Dois ou três anos antes este homem fôra condecorado pelos seus serviços relevantes no Ultramar. Quando o campo entrara em funcionamento, fôra transferido para lá, por uma espécie de castigo pelo tratamento excessivamente brutal que aplicava aos presos nos quarteis da PIDE do Porto durante a guerra civil de Espanha. Um dos seus habitos preferidos era o de tirar-nos da banca dos doentes e mandar-nos para o trabalho, mesmo sem a permissão do notável dr. Pratas.

"O médico, claro não era conhecido pelas suas qualidades humanitárias. Um preso, Francisco Nascimento, sofria de abcessos. O tratamento médico consistiu em alguns golpes com um bisturi. Francisco Nascimento morreu também no campo.

"O FORNO"

O Forno era uma cela de segredo, especialmente construida para esse fim. Não tinha práticamente ventilação, exceto uns pequenos buracos na porta de ferro, que se tornava insuportávelmente quente sob o sol tropical, e uma pequena abertura coberta pela grade. Não havia cama e o preso tinha de dormir no chão de cimento com as botas a servir de travesseiro. Mesmo estas, muitas vezes, eram removidas, com os cintos das calças, para impedir os suicidios.

"O minimo pretexto era suficiente para enviar um prisioneiro para o "forno", por períodos de dez, trinta e mesmo cinquenta dias: um pedido para comida melhorada, um atraso no trabalho, porque estavamos demasiado exaustos para andar, ou simplesmente, porque um dos guardas embirrava com qualquer prisioneiro.

"Muitas vezes alguns prisioneiros ficavam presos juntos. O ar aquecido pelo sol, a falta de ventilação e a transpiração humana, tornavam a cela insuportável. O nosso bafo transformava-se em água e a condensação caía do teto em cima de nós.

"Recordo-me, como se fosse agora, como Pedro Soares e António Nunes se apresentavam, quando saíram do "forno", diz um dos primeiros internados no campo. "Ainda me lembro das suas faces maceradas marcadas pela malária e pela insuficiência de alimento. Pedro Soares passou um total de 50 dias no "forno", mas continua a devotar a sua vida à luta contra o fascismo, tendo realizado duas fugas arrojadas das garras da PIDE nos últimos anos".

ESPANCAMENTOS BRUTAIS

"Durante anos não tivemos autorização de ler um jornal, mesmo os que são publicados e censurados em Portugal. Um prisioneiro, Raul Gonçalves, era amigo de outro preso, não politico, que podia entrar e sair livremente do campo e que trabalhava numa quinta próxima. Os guardas arranjaram uma armadilha para o ultimo, Daniel Rodrigues, e deixaram um jornal próximo do seu local de trabalho, esperando que ele o levasse para o campo. Suspeitando do laço, Rodrigues deitou o jornal fóra. Mas quando os guardas deram pela falta do jornal, agarraram Raul Gonçalves e começaram a bater-lhe, para o obrigar a dizer o que fizera do jornal que recebera de Rodrigues. Quando voltou para a nossa cabana, mal podia andar, as costas e nádegas cobertas de profundas marcas vermelhas das pancadas. Fôra torturado durante horas, antes de Rodrigues ser chamado a explicar o que tinha acontecido. O espancamento influenciou profundamente a sua saúde.

OS MÉTODOS DE HITLER ADOTADOS

Enquanto as bombas de Hitler caíam sobre Londres e a Europa permanecia ocupada pelas tropas nazis, o governo português empregava as ultimas técnicas de repressão aprendidas na Gestapo.

"Formara-se uma nova brigada de trabalho e os prisioneiros não podiam levantar as cabeças, falar, ou mesmo deter-se para beber ou urinar excetó uma vez durante as quatro horas de trabalho da manhã e outra nas três horas de trabalho da tarde.

"As nossas mãos sangravam, os braços doíam e as costas dobravam-se ao meio. Voltavamos ao campo encharcados de suor e poeira. Ninguém aguentava mais de dois dias dêsse trabalho punitivo. Incapazes de continuar, os prisioneiros pediam para ver o médico, mas como êste se negava a atendê-los, eram forçados a voltar ao trabalho com ameaças de mais castigos.

RECORDAREMOS SEMPRE

Um dos nossos companheiros, lembro-me bem, era Alfredo Caldeira, que morreu após onze anos de atrozes sofrimentos de anuria. Este grande camarada estava completamente lúcido ao morrer e enfrentou a morte com a maior coragem. O comandante do campo e outros dois oficiais trouxeram-lhe uma garrafa de champanhe no final da doença, como prova de interesse pela sua cura, sabendo que isso só iria causar-lhe maior sofrimento.

"Recordo com infinita saudade o meu querido amigo António Bento Gonçalves, que morreu tambem de anuria e nunca se queixou da doença, mesmo até ao fim. Era um homem da maior integridade, bem disposto e honesto, completamente devotado ao seu trabalho e com grandes capacidades intelectuais. A sua bondade e simplicidade fizeram-no amado de todos os que o conheciam. Raramente se encontra na nossa gente um lider trabalhador que reuna tantas qualidades.

"Não esquecerei também Mário Castelhano, que morreu de febre intestinal, porque o dr. Pratas não o tratou e Tobias, um rapaz que saiu do "forno" tão debilitado, que morreu logo a seguir.

UMA SEPULTURA JUNTO DO MAR

"Bento Gonçalves, Antonio Guerra, Joaquim Marreiros, Francisco Nascimento, João Diniz, Antonio Montes, Antonio Vale, Simões Januário, Abilio Belchior, Albino Coelho, Alfredo Caldeira, Antonio Branco, Alves Borges, Casimiro Ferreira, Edmundo Gonçalves, Fernando Alcobia, Francisco Esteves, Francisco Pereira, Guedes da Silva, Henrique Domingues, Mario Castelhano, José Ribeiro, Jacinto Vilaça, Jaime Sousa, Manuel da Costa, Martins Pereira, Sousa Guerra, Manuel Reis, Paulo Dias, Tobias, Pedro Felipe — são apenas alguns dos nomes que se erguem hoje com uma recordação trágica desta longa noite de crimes cometidos por homens sem escrupulos pagos pelo governo para executar as suas ordens.

"A lista completa de crimes é longa, e este relatório das condições no Tarrafal é apenas um pálido reflexo, pois com o tempo, a memória esbate-se

A POLICIA É A MESMA HOJE

O que sucede hoje nas prisões de Salazar, onde os presos vivem em constante terror e são submetidos a barbaros espancamentos, torturas da estátua, "refinadas" torturas mentais, longos períodos de prisão celular e sem quaisquer cuidados médicos, ou dieta própria, fazem-me pensar se as condições não serão ainda piores.

"É inegável que o tratamento dos presos torna-se cada vez pior. Para os portugueses democratas que estão ainda em liberdade este aspecto de repressão cria um estado permanente de tensão, ansiedade e insegurança.

"A policia especial do governo português estava nos dias do campo do Tarrafal e continua hoje a estar empenhada na eliminação dos portugueses patriotas de todas as nuances da opinião politica que se opõem ao regime".

Protesto de Lideres Sindicais

Prossegue em todo o Brasil a campanha contra a reabertura do Tarrafal. Publicamos a seguir o texto do protesto que foi enviado ao sr. Americo de Deus Tomás pelos lideres sindicais do Estado do Rio de Janeiro:

"Os abaixo-assinados, lideres sindicais do Estado do Rio de Janeiro, em nome dos trabalhadores fluminenses, protestam junto a V. Exa. contra a recente reabertura do campo de concentração do Tarrafal, para onde, conforme denuncia da imprensa brasileira, estão sendo enviados centenas de democratas portugueses e patriotas angolanos e guineenses.

A reabertura do campo de concentração do Tarrafal, caracteriza-se como um inominável crime contra a Humanidade e constitui, tambem, um desafio à consciencia democrática dos povos que lutaram contra o nazi-fascismo, entre êles o povo brasileiro.

Eis porque reclamamos de V. Exa. providencias que determinem o imediato encerramento do tristemente célebre campo de concentração do Tarrafal e a libertação dos patriotas africanos e democratas portugueses ali encarcerados".

Assinam o documento entre outros os seguintes dirigentes sindicais: Joaquim Pedro Mayrink Filho, pres. do Sind. dos Rodoviários de Niterói; José Milan, pres. da Associação Profissional de Resende; Gabriel Alves de Oliveira, vice-presidente do Conselho Sindical do Estado do Rio; Oscar Vieira de Oliveira, presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Produtos Quimicos de Nova Iguaçu; Bernardo José Ferreira, secretario do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil de Niteroi; José Basilio de Lima, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil de Niteroi; Lidio Campos Cerqueira, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Industria de Vestuário de Niteroi e São Gonçalo; Valdemiro de Albuquerque, membro do Conselho Sindical de Niteroi; Pedro Cabral Machado, diretor do Sindicato dos Trabalhadores na Energia Eletrica de Niteroi; Lucio Xavier de Almeida, presidente do Conselho Sindical de Niteroi; Asterio dos Santos, presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Fiação e Tecelagem de Magé; Raul Peçanha, tesoureiro do Sindicato dos Rodoviários de Niteroi; Naelson Correia Guimarães, delegado do Sindicato dos Operários Navais em Angra dos Reis; Manoel Martins, advogado do Sindicato dos Operarios Navais; Ary Gonçalves Pereira, vice-presidente da Federação dos Metalurgicos dos Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara; Amadeu Martins, do Conselho Sindical de Niteroi; Domicio José da Costa, secretário do Sindicato dos Trabalhadores em Carris Urbanos de Niteroi; José Gonçalves Filho, presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Industrias de Vidros, Espelhos e Cristais de Niteroi e São Gonçalo; Ivan Duarte, delegado do Sindicato dos Operarios Navais na Empresa Tecnal; José Ferreira, diretor do Sindicato dos Trabalhadores em Panificação de Niteroi; Manoel Bittencourt Jardim, advogado do Sindicato dos Trabalhadores na Industria de Produtos Quimicos; Francisco Fernandes de Araujo, presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Industrias Metalurgicas, Mecanicas e de Material Eletrico de Niteroi; Rafael Francisco de Almeida, presidente da Federação dos Trabalhadores na Industria de Alimentação do Estado do Rio; João Batista Aniceto, tesoureiro do Sindicato dos Trabalhadores nas Industrias de Panificação e Confeitaria de Niteroi; e Jair Ferreira, diretor do Sindicato dos Rodoviarios de Niteroi.

A Morte de Fineza

Continuam a chegar a Lisboa protestos de sindicatos e associações de gráficos de todo o mundo contra o assassinio de Agostinho Fineza abatido a tiro pela PIDE durante as manifestações anti-fascistas do dia 1.º de Maio, quando participava do apedrejamento do "Diário de Noticias".

A indignação causada pela morte de Fineza entre os trabalhadores gráficos portugueses é tanto maior quanto o patriota ora assassinado pelos esbirros de Salazar era um destacado dirigente da sua classe, com um passado de luta ao serviço da causa da libertação do povo portugues.

Agostinho Fineza

Membro do Partido Comunista Português, foi preso pela primeira vez pela PIDE em agôsto de 1948 e condenado a três anos de prisão maior. Cumprida a pena, voltou à luta com a mesma determinação e, mantendo-se sempre na vanguarda da luta anti-fascista, foi novamente preso em 1959 sob a acusação de haver composto material de propaganda subversivo.

Convenção de Jovens Anti-fascistas

Organizada pela associação juvenil "Nova Resistência", teve lugar em Gênova, de 23 a 25 de Maio uma convenção sôbre o tema "Os compromissos democráticos dos jovens da Europa frente à indiferença política e ao neo-fascismo" Participaram numerosas associações juvenis, entre as quais a Junta Juvenil Patriótica de Portugal. No dia 26, na praça Verdi daquela cidade italiana, teve lugar uma grandiosa manifestação anti-fascista, em que se encorporaram o prefeito de Florença (Giorgio La Pira) e muitas outras personalidades políticas italianas de todos os credos políticos.

MAIS PROTESTOS NA ITÁLIA

A Associação Recreativa Cultural Italiana, que agrupa milhares de circulos populares e centenas de intelectuais e artistas italianos de diversas tendências políticas, dirigiu-se recentemente à Embaixada de Portugal em Roma para protestar veementemente contra as prisões ultimamente sucedidas de várias destacadas personalidades da Oposição portuguesa.

De outro lado, a recente detenção pela PIDE dos cineastas José Ernesto de Souza e Arnaldo Aboim, suscitou uma grande campanha de protestos na imprensa italiana, especialmente nos jornais "Avanti!" e "Unità".

A Entrevista de Janio Quadros

Sob proposta do vereador Eduardo José Curvêlo, foi transcrita nos anais da Camara Municipal de Pelotas, no Rio Grande do Sul, a entrevista recentemente concedida a PORTUGAL DEMOCRATICO, pelo ex-presidente Janio Quadros.

Colonialismo e Anti-colonialismo

A LUTA NA GUINÉ

Segundo um comunicado divulgado em Conakry, nos primeiros dias de junho, pelo Partido Africano da Independencia da Guiné e Cabo Verde, foram mortos 200 soldados portugueses durante um ataque realizado por comandos daquela organização nacionalista a um acampamento militar português em São João, próximo de Bolama.

Todo o mês de maio foi desastroso para as tropas colonialistas portuguesas estacionadas na Guiné. A insegurança em toda a colónia é permanente e os ataques a postos militares sucedem-se em ritmo crescente. Em Gadamael foram mortos seis soldados e na estrada de Catió foi destruida uma patrulha. Sabe-se tambem que houve numerosas baixas entre as forças portuguesas num encontro com os guerrilheiros nacionalistas proximo de Bedanda. Os elementos do PAIG teriam apreendido grandes quantidades de material de guerra. Na região de Cecine, duas chalupas, pertencentes à União Fabril e à Sociedade Comercial do Ultramar teriam sido apreendidas pelos nacionalistas.

A CONFERENCIA DA OIT

A Conferencia Internacional do Trabalho realizada em Genebra perdeu todo o significado com a retirada das nações africanas em sinal de protesto pela presença dos delegados de Portugal e da União Sul-Africana.

Logo após a abertura do conclave, os delegados do Tanganyka e da Argelia denunciaram o genocidio cometido em Angola, lamentando que a OIT admitisse como membros países cujos governos desrespeitam frontalmente os principios da Organização. O delegado de Salazar, sr. Ribeiro da Cunha, recebeu uma vaia quando apresentou uma moção solicitando o policiamento de certas expressões contidas nos discursos. A Conferencia acabou praticamente quando o representante da Africa do Sul usou da palavra. Numerosas delegações europeias, latino-americanas e asiaticas retiraram-se da sala solidarizando-se com os africanos.

MAIS CAPITAIS ESTRANGEIROS EM ANGOLA

Segundo o "Jornal Português de Economia e Finanças", poderosos grupos economicos estrangeiros, em colaboração com a Direção Geral dos Serviços de Geologia e Minas de Angola, vão iniciar a exploração dos jazigos de Mongotando, Chiluete, Ueca, Chivoco, Cambota, Seva e Cacata, na região de Cabinda, onde se prevê a existencia de 3.300.000 toneladas de fosfatos.

O APOIO DA AFRICA AOS NACIONALISTAS ANGOLANOS

Em declarações feitas ao jornal francês "Le Monde", o lider angolano Mario de Andrade afirmou que vem aumentando sensivelmente o auxilio que o seu movimento (MPLA) recebe das nações africanas. Marrocos, a Argelia, a RAU e Ghana concedem presentemente ajuda financeira e militar ao MPLA.

DECLARAÇÃO DA U.N.T.A.

A União Nacional dos Trabalhadores Angolanos, em extensa e bem fundamentada DECLARAÇÃO, apresentada à 47.a sessão da Organização Internacional do Trabalho, expõe aquela entidade as condições dramaticas a que estão sujeitos os trabalhadores angolanos em consequencia da politica social "barbara e arbitraria do colonialismo português". Apensa ao documento enviado à OIT, figura a transcrição de um artigo publicado no jornal "Dakar Matin" em que são comentadas as conclusões da comissão de inquerito que visitou Angola para averiguar as queixas sobre trabalho forçado. Ressalta dessas conclusões que o recrutamento de trabalhadores pelos portos e caminhos de ferro de Angola e pela Companhia dos Diamantes é feito em condições incompativeis com o disposto na convenção sobre a abolição do trabalho forçado.

Militares mortos nas colonias

Em Angola, na Guiné ou em Moçambique, em combate contra os nacionalistas e em acidentes diversos morreram os seguintes militares:

Manuel da Conceição Mauricio Choças, soldado (Angola); Carlos Marques Freitas e Tulio Araujo Cunha Brandão, sargentos (Moçambique); Alfredo Nelson de Azevedo Lopes, cabo (Angola); Fernando Matutino Basso, furriel (Angola); João Lino da Costa Marques, alferes miliciano (Angola); Antonio de Sousa Fernandes, soldado, (Guiné).

Nós, jovens do mundo inteiro, unidos pelo nosso amor à Paz e à Democracia, CONDENAMOS os contínuos atentados aos direitos do homem e da juventude de que é vítima o povo português desde há 37 anos;

RECLAMAMOS:

uma completa anistia para todos os presos políticos portuguêses,

O encerramento imediato do campo de concentração do Tarrafal,

a abolição das "medidas de segurança".

(De um postal (clichê) editado pela Federação Mundial de Juventude Democrática).

Solidariedade ao povo Espanhol

Correspondendo ao apelo da Federação Sindical Mundial, os trabalhadores e estudantes paulistas organizaram uma vibrante manifestação de solidariedade aos trabalhadores e povo espanhol.

Ao ato, que teve lugar em 23 de junho, no Cine Oberdan, acorreram centenas de pessoas. Presidida pelo deputado Rocha Mendes Filho, a mesa estava repleta de dirigentes sindicais de quase todas as entidades classistas da Capital, representantes da União Estadual dos Estudantes, Centro Democratico Espanhol, Centro Republicano Português, Comissão para a Anistia aos Presos e Exilados Politicos de Espanha e Portugal, etc.

Falaram, entre outros, os seguintes oradores: um jovem estudante da Escola Politécnica, em nome da União Estadual dos Estudantes: Luís Firmino de Lima, em representação dos sindicatos de trabalhadores paulistas: Lyndolpho Silva, presidente da União dos Lavradores e Trabalhadores Agricolas do Brasil; o advogado Enio Sandoval em nome dos intelectuais; Pedro Iovine, presidente do Pacto de Unidade Inter-sindical; o deputado estadual Farabulini Junior; o dirigente sindical Roberto Morena, em representação do CGT e das organizações operárias do Estado da Guanabara.

Os oradores hipotecaram irrestrita solidariedade aos trabalhadores espanhois, verberaram os crimes cometidos pelo franquismo e evocaram a memoria do patriota JULIAN GRIMAU GARCIA, recentemente fuzilado. Uma nota comovente é de salientar: todos os oradores condenaram tambem com a maior veemência o fascismo salazarista.

Em nome da coletividade espanhola, falou o sr. Antonio Guardiola. Agradecendo ao povo brasileiro o generoso e fraterno sentimento de solidariedade que vem manifestando pela luta do seu povo, denunciou as repetidas violações dos direitos fundamentais da pessoa humana praticadas pelo tirano Franco e alertou os presentes para o risco que corre a vida do patriota RAMON ORMAZABAL, condenado a 20 anos e que estaria para ser julgado de novo com o objetivo de ser condenado à morte. Finalizou a sua intervenção com um vibrante apelo aos juristas, parlamentares e autoridades brasileiras para que intercedam junto das organizações internacionais no sentido de obrigar o governo de Espanha a respeitar os direitos do homem e seja banida a legislação e tribunais especiais que julgam os chamados "crimes de rebelião".

O presidente, deputado Rocha Mendes Filho, ao encerrar a sessão propôs a constituição de uma comissão de lideres sindicais, parlamentares, estudantes e mulheres para se deslocar a Brasilia a fim de solicitar ao presidente João Goulart que, através do representante do Brasil na ONU, leve aquela organização internacional o problema espanhol.

Esta proposta, aprovada de pé, foi calorosa e prolongadamente aplaudida.

PORTUGAL DEMOCRATICO, fez-se representar por uma delegação. A presença dos nossos companheiros, anunciada pelo presidente, provocou uma forte ovação.

Aos vivas à liberdade do povo espanhol e do povo português terminou esta grande manifestação dos trabalhadores e estudantes paulistas.

A Morte de João XXIII

A morte de João XXIII constituiu uma grande perda para a Humanidade. Ao invés de outros pontifices, o papa ora falecido recusou-se sempre a encarar os problemas da Igreja sob um angulo restrito. Sempre que se dirigiu ao Mundo, fê-lo no sentido mais lato da expressão, tendo em vista a humanidade no seu conjunto e não apenas a cristandade. O seu diálogo, como ficou expresso na Grande Enciclica **Pacem in Terris** era com todos "os homens de boa vontade" e não exclusivamente com os católicos. Daí a universalidade do sentimento de pesar que se seguiu à sua morte.

Não podiam os democratas portugueses do Brasil permanecer alheios ao triste acontecimento. A morte do Papa da Paz foi muito sentida por todos — católicos e não católicos. Interpretando êsse pesar o general Humberto Delgado enviou ao cardeal Camerlengo da Igreja, para o Vaticano, o seguinte telegrama:

"Em nome da Oposição Portuguesa e meu nome pessoal apresento a Vossa Eminência e Sagrado Colégio a expressão da nossa profunda dôr pelo passamento de Sua Santidade. Comovidamente recordo 29 de Outubro 1958 quando apresentamos nossas homenagens a Sua Santidade solicitando que ajudasse moralmente a luta dos submetidos à indignidade do regime ditatorial, assunto tratado na enciclica Pacem in Terris cuja publicação sofreu eliminações pela censura portuguesa. O nome de João XXIII ficará na história dos humildes como grande soberano das almas e realista nesta hora de política avançada'.

Donativos Recebidos

Para os presos políticos portugueses recebemos as seguintes importâncias:

	Cr$
De 4 democratas residentes em Johannesburg, 25 libras	42.015,00
"Unidos pela Democracia	2.400,00
Manuel B. Viegas	1.000,00
Grupo de amigos do Mutuá S. Gonçalo	1.000,00
Germinal F. Silva	1.000,00
Manuel Lourenço Neto	1.000,00
Rio de Janeiro	500,00
Total	48.915,00

—oOo—

Do grupo "Unidos pela Democracia" recebemos para o nosso jornal Cr$ 5.000,00 e para "U.D.P." Cr$ 5.000,00.

PORTUGAL DEMOCRATICO

DIRETOR RESPONSAVEL

Otávio Martins de Moura

SUCURSAL

RIO DE JANEIRO: Praça 11 de Junho, 356 — Telefone: 43-5110

REPRESENTANTES

RECIFE: Manuel Luis Fernandes e Angelo Ferreira da Silva — Av. Dantas Barreto, 564 - 9.º sala 908

CURITIBA — A. Ferrer — Rua João Pessoa, 67

LONDRINA: Julio Duarte — Caixa Postal 1.229

FORTALEZA: Dr. Carlos d'Alge Av. Visconde de Cauipe, 2.853 Fortaleza — Ceará

PORTO ALEGRE: Carlos Noronha Feio R. Dr. Flores — 96 Rio Grande do Sul

PELOTAS. Heitor M. Bandeira — Rua 7 de Setembro 312 — Pelotas Rio Grande do Sul

SALVADOR: Américo Carvalho — Av. Sete, nº 1 — Edifício Sulacap, 215 — Salvador (Bahia).

INGLATERRA: Grupo de Portuguêses Democratas da Inglaterra (GPDI) 4, Sherwood Gardens, Barking, Essex.

CANADÁ: Portuguese Canadian Democratic Association — 47 Barrymore Road — Scarborough — Ontário — Canadá

VENEZUELA: Junta Patriótica Portuguêsa — Apartado 8287 — Caracas

ARGENTINA — Manuel Lopes — Benito Perez Galdos, 222 — Buenos Aires

URUGUAI — Junta Patriótica Portuguesa del Uruguay Casilla de Correo, n.o 2.128 Distrito 5 - Montevideu

CHECOSLOVÁQUIA: João Ribeiro — Postovnú Urada — Jindrisská, 15 — Schránká 646 — Praha —

REDAÇÃO

Rua Conselheiro Furtado, 191 — Sala 2 — Caixa Postal 4.469 — Tel.: 37-0933 — São Paulo

EXPEDIENTE

Dias úteis: das 19 às 22 horas
Sábados: das 15 às 19 horas
Numero avulso: Cr$ 20,00
Assinatura anual: Cr$ 600,00
Ass. p/ o Exterior: US $ 5.00 porte aéreo

Ano VIII - N.º 73 - Julho - 1963

Os artigos assinados traduzem apenas a opinião de seus autores, sendo por conseguinte de sua exclusiva responsabilidade.

Declarações do General Delgado

Ao regressar da sua recente viagem à Europa, o general Humberto Delgado concedeu uma entrevista exclusiva ao "Diário de Noticias" do Rio. São desse importante documento — inserto com grande relevo nas colunas daquele matutino no dia 22 de maio p.p. — as passagens que abaixo transcrevemos.

Depois de esclarecer, inicialmente, que conseguira sair do Rio com passaporte do governo brasileiro solicitado para tratar na Europa de assuntos relacionados com a edição de trabalhos seus, entre os quais as "Memorias", cujos direitos foram adquiridos pela Agencia Opera Mundi, o general Delgado aludiu aos contatos que manteve em Praga com o prof. Hambejs, especialista em literatura portuguesa e acrescentou:

"Mas respondendo concretamente à sua pergunta, é óbvio que um chefe da Oposição não pode deslocar-se no estrangeiro sem que os correligionários o procurem. E assim sucedeu em Roma, Praga e Rabat. Daí, resultar que eu fôsse portador de um documento para conhecimento aquém e além-Atlantico, pelo qual se dá conta do encontro de algumas pessoas representativas das correntes ponderáveis da oposição. Aqui o tem. (1)

Por êle se verifica a concordância em estabelecer, no exterior do País, **um organismo para a centralização da direção efetiva da luta.** Importantíssima está decisão como complemento nas tomadas na conferência secreta de dezembro de 1962, algures na Europa, à qual não pude comparecer por falta de passaporte, indo como meu representante o dr. Manuel Sertório.

DEFESA DA UNIDADE

Interrogado sobre as repercussões da sua viagem e, concretamente, sobre a eventual exploração da sua visita a um País socialista junto das Forças Armadas Portuguesas, o general Delgado criticou os que por "medo ao comunismo" nada fazem para derrubar o fascismo salazarista e, depois de evocar aspectos da sua ação diplomatica durante a ultima guerra, declarou

"Aliás, a Oposição já se apresentou unitária em 1958 na minha candidatura à Presidencia da República. Realmente o outro candidato, também oposicionista, e o preferido pelo Partido Comunista, dr. Arlindo Vicente, patrióticamente desistiu em mim. Depois da Revolta de Beja, ao chegar eu ao Brasil em entrevista dada em São Paulo **declarei que a unidade se restabelecera debaixo de fogo. Tal declaração espontânea deu azo a uma revivescência dessa unidade.** Que os generais reacionários em Portugal dela gostem ou não gostem, já não interessa, porquanto êles têm sempre uma desculpa para continuarem cômoda e criminosamente quietos, recebendo contra a lei, chorudas gratificações, através de cargos civis, como aliás é do domínio público.

Mas posso perguntar: acaso Roosevelt, Churchill ou de Gaulle podem ser apelidados de comunistas por se terem aliado ao comunismo internacional ou nacional, para evitarem a hedionda lepra do nazismo? Se há quem tenha mêdo que a cooperação com os comunistas possa trazer à Pátria maiores males do que a manutenção da bestialidade salazarista, com todo o cortêjo das torturas da PIDE e da estupidificação em massa de um Povo, que fique na sua opinião, bem cômoda, igual à dos generais supracitados. Felizmente a massa católica portuguêsa dá o exemplo do desejo dessa cooperação, como aliás se viu em Beja. E acaso Sua Santidade, o Papa João XXIII terá alguma pecha comunista ao receber o sr. Aleksei Adzhubei, genro de Kruschev? É possível fingir acreditar alguém que na vida do dr. Salazar — morra êle de morte natural ou em atentado pessoal — a Russia e a China voltarão a um régime capitalista do tipo século XIX ou XX? É possível viver-se em paz sem esgotar tôdas as possibilidades da coexistência?

E pode negar-se que os comunistas portuguêses têm sido dos mais torturados entre os lutadores?"

POSIÇÃO PERANTE OS ESTADOS UNIDOS

A uma pergunta sobre qual era a sua posição perante os Estados Unidos, o general respondeu recordando a sua amizade por aquele país, expressa em inumeros ensejos e acrescentou:

"Mas, se sou amigo dos Estados Unidos, nem por isso deixo de lamentar que êste país consiga ser desfeiteado pelo ditador, que o despreza, e ainda há pouco fêz apupar nas ruas de Lisboa o seu ministro dos Estrangeiros; ao mesmo tempo que dia a dia, cria mais anti-americanistas nas hostes da oposição. Lamentável. E era tão fácil!

Bastava os Estados Unidos serem duros como foram em 1945, para a questão da assinatura de um acôrdo comercial aéreo de 6 de dezembro, quando eu era diretor-geral da Aeronáutica Civil. O ditador fazia-se bruto nas exigências, querendo por exemplo, que tôda a aeronave americana que aterrassa nos Açôres, repetisse o pouso em Lisboa, Então como dizia o sr. Pierrot, assistente-aeronáutico civil do embaixador Baruch: "Meu caro diretor, nós somos suficientemente fortes para podermos impor a nossa vontade ao seu primeiro-ministro, mas não está na nossa ética. Fique-se êle com os Açôres".

Aflito, o ditador, vendo que os americanos dispensavam o arquipélago mandou dizer que assinava. Assisti pessoalmente a tudo isso, inerente a um ditador obsoléto, que dormiu vinte anos em Aviação e me chamou açodadamente para ver se eu fazia por artes mágicas, em mêses, o que êle se esquecera de fazer em anos. Mas, enfim, sempre realizei o sonho imperial como então se dizia, sonho que era velho, de vinte anos também: fui eu quem abriu a linha Lisboa-Luanda — Lourenço Marques, acabando com a desgraçada vergonha de Portugal ser o único país colonial do Mundo, que NÃO TINHA QUALQUER LINHA AÉREA PARA QUALQUER PARTE DOS SEUS TERRITÓRIOS COLONIAIS!!! (Depois o ditador admirou-se que rebentasse guerra em Angola...)"

O OPORTUNISMO NORTE-AMERICANO

Prosseguindo na exposição do seu ponto de vista, o general Delgado criticou a ação de alguns funcionários do Departamento de Estado que têm a seu cargo "a mesa" de Portugal, citando nomeadamente o sr. Theodore Xathaaky, conselheiro dos embaixadores em Lisboa e personalidade tida como de formação nazi, e declarou:

"Era tempo de, nesta questão portuguêsa, anti-americanismo e comunismo, o State Department por um lado convencer-se de **que a História não se faz apenas com lógica, mas, sim, e principalmente, com sentimentos**; por outro, que o desprezo ou repulsão — como está sucedendo com a Oposição Portuguêsa — não gera amor; e por outro, que precisam ter cuidado em não darem a impressão de que ligam importância a caquéticos ou aventureiros, só porque na procura de dólares ou algo que vale mais do que isso, se fingem amigos dos E.U.A. O oportunismo americano pode ter um dia sérias surprêsas desde os Pirineus ao Cabo da Roca se não arrepiar caminho e em curto prazo mudar suas relações com a Oposição Portuguêsa e, acrescento, com a Espanhola. Assim, para dar um exemplo, as hostes socialistas, conforme documento há pouco circulado, **inclinam-se para não quererem bases estrangeiras em território português.** É uma opinião, respeitável, e que nem sequer pode ser acoimada de missófila, partindo do agrupamento de que partiu. Ao ser-me apresentado tal documento, apreciei-o só na generalidade, em meia dúzia de linhas, sem entrar nos pormenores da diferenciação entre aquela plataforma e o programa geral de 1958. Mas, sem dúvida, que êste fato da diferenciação só vem mostrar a verdade do que eu há pouco disse: cresce o anti-americanismo e não se vê os E.U.A. fazerem algo de concreto pró-oposição portuguêsa, ou algo de substancial contra o ditador, no sentido de mostrar que se interessam por ver a democracia implantada em Portugal."

(1) — **PORTUGAL DEMOCRATICO publicou no seu último número o documento a que se refere o gen. Delgado.**

O GENERAL DELGADO EM PRAGA

Ultima Hora

A Africa Inteira Contra Salazar

Segundo noticias divulgadas pelas Agencias France Presse e United Press International, os raros Estados africanos que ainda mantém relações diplomaticas com o governo português estariam na iminencia de um rompimento oficial, em obediencia às decisões da Conferencia de Addis-Abeba. A Republica Arabe Unida acaba, aliás, de dar o exemplo, intimando Lisboa a retirar a sua missão diplomatica do Cairo e reconhecendo como unicos representantes do povo de Angola as organizações nacionalistas em luta contra o colonialismo fascista de Salazar. De outro lado, a Republica do Congo (Leopoldville) reconheceu "de jure" o governo provisório de Angola instalado na sua capital pelo lider nacionalista Holden Roberto. Entretanto, em Brazaville, por iniciativa do presidente Fulbert Youlou, principiou uma conferencia de que participam oito organizações nacionalistas angolanas e que tem por objetivo estabelecer as modalidades de uma eventual cooperação de todas na luta anti-colonialista.

ISOLAMENTO

Mercê da ação conjunta dos jovens Estados Africanos independentes, o isolamento de Salazar no plano internacional começa, assim, a assumir aspectos asfixiantes. Poucos dias após a reunião da Organização Internacional do Trabalho, boicotada pelas delegações africanas devido à presença dos representantes de Portugal e da União Sul-Africana, o fascismo português vê-se acuado, em Genebra, na Conferencia Internacional de Instrução Publica, promovida pela UNESCO. Logo na sessão inaugural, o representante da Nigéria, Aja Nuachukv, submeteu ao plenário um projeto de resolução excluindo Portugal do conclave. Esclarecendo que o fazia "em nome da Humanidade" informou que seu País se retiraria da Conferencia se não visse atendida a sua petição. O projeto recebeu o apoio das 26 delegações africanas presentes e dos representantes de todos os paises árabes.

A «liberdade» em Portugal

A Comissão Executiva da Unidade Democrática Portuguesa, em face das noticias divulgadas pelas agências noticiosas, segundo as quais Salazar estaria disposto a permitir, doravante, à Oposição que manifestasse os seus pontos de vista sobre o problema português, distribuiu, em São Paulo, o seguinte comunicado à imprensa:

"1 — Nenhuma alteração houve em Portugal no que concerne à inexistência das liberdades fundamentais, entre as quais se conta a de manifestação de opinião. O aparelho da censura mantem-se com o rigor habitual.

2 — O ditador português teria permitido apenas que um grupo de elementos liberais respondesse, excepcionalmente, pela imprensa a um artigo seu publicado na revista britânica "International Affairs".

3 — Esta pratica não enganará a população portuguesa nem enfraquecerá a sua unidade anti-fascista. Salazar, aliás, somente pretende ludibriar certos setores de opinião pública internacional, menos esclarecidos sobre a realidade portuguesa.

A Onu e o Tarrafal

Em resposta a um apelo de parlamentares, intelectuais e lideres sindicais brasileiros, enviado em março ao sr. U Thant, secretário geral das Nações Unidas, por motivo da reabertura do Campo de Concentração do Tarrafal, na colonia portuguesa de Cabo Verde, a primeira signatária do documento, escritora Helena Silveira, recebeu um oficio do subsecretário daquele organismo sr. D. Protitch comunicando que a petição brasileira solicitando o encerramento daquele campo de morte foi levada ao conhecimento da Comissão Especial para os Territórios sem Governo Autonomo. A referida comissão, considerando a importancia do problema levantado pelos deputados, intelectuais e lideres sindicais brasileiros mandou imprimir o documento, fazendo-o circular como petição.

PORTUGAL DEMOCRATICO divulgou, oportunamente, o texto do apelo que motivou, agora, a digna atitude do subsecretário Protitch. Entretanto, porque na altura só nos foi possivel reproduzir os nomes das personalidades de S. Paulo que os assinaram, acrescentam a seguir a lista dos signatários do Rio de Janeiro: Alvaro Lins, diplomata e escritor; Alipio de Freitas, padre catolico; Osny Duarte Pereira, desembargador de Justiça; Oscar Niemayer, arquiteto galardoado com o Premio Lenin; Di Cavalcanti, pintor; Adão Pereira Nunes, deputado federal; Hezio Ramalho, deputado estadual; José Pereira de Campos, lider sindical; Valerio Konder, medico; Fragmon Borges, jornalista; Modesto de Sousa, artista de cinema; Astrogildo Pereira, escritor; Geraldo Reis, professor; Roland Corbisier, professor do ISEB; Jurema Finamour, escritora; Manuel Jardim, advogado; Marco Antonio Coelho, deputado federal; Silvio Braga, general; Barbosa Mello, escritor; Henrique Oest, general; Max da Costa Santos, deputado federal; Sergio Magalhães, deputado federal e presidente da Frente Parlamentar Nacionalista; Vinicius Caldeira Brandt, presidente da União Nacional dos Estudantes; Francisco Julião, deputado federal; Geraldo Tiburcio, lider camponês; Afonso Nogueira Monteiro, deputado estadual; Polipio Braga, presidente da União dos Estudantes Secundários.

PORTUGAL DEMOCRATICO
R. Cons. Furtado, 191, C.P. 4469 — SP. Brasil
Endereços de Assinantes

JLMO.SR.
ALEXANDRE ANTUNES PEREIRA
R.LUCAS OBES,258
IPIRANGA - CAPITAL

PREÇO PAGO
D.E.T. - S. PAULO